

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**SOLIDARIEDADE FAMILIAR INTERGERACIONAL DE ADULTOS
EMERGENTES: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O APOIO PRESTADO E
ANTECIPADO A PAIS E AVÓS E VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS E
PSICOLÓGICAS**

Diana Sofia Pereira da Silva

Outubro 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Susana Maria Gonçalves Coimbra (F.P.C.E.U.P.).

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho tornou-me ainda mais consciente da importância da família e do indispensável papel de suporte que este núcleo desempenha nas nossas vidas. É por esse motivo que em primeiro lugar agradeço à minha adorada família, em especial, à Conchita, ao Manuel, à Sara e à Inês. Agradeço-vos muito por saber que posso contar convosco aconteça o que acontecer. Obrigada pela vossa atenção, carinho e preocupação constante, comigo e com todas as esferas da minha vida, especialmente durante este percurso. Em especial a ti mãe por sempre me teres incentivado a ir mais longe, inclusive, quando tive dúvidas acerca do meu percurso académico.

A todas as pessoas que conheci e aos amigos que fiz durante o meu caminho na FPCEUP, pois de alguma forma também contribuíram para este trabalho. Gostaria de agradecer, também, a todos os alunos que, de uma forma gentil, aceitaram participar neste estudo. Sem a vossa contribuição este trabalho não teria sido exequível.

Por fim e não menos importante, deixo um grande agradecimento à Professora Susana Coimbra. A professora é, sem dúvida, uma excelente orientadora. Esteve sempre presente e disponível para todas as dúvidas, incentivando sempre o meu trabalho e realçando as minhas capacidades. Essa motivação foi muito importante naqueles momentos em que as coisas pareciam mais complicadas. Ao mesmo tempo, respeitou sempre o meu tempo e as minhas decisões. Foi muito agradável trabalhar e aprender consigo. É certamente um daqueles docentes que ficam gravados na memória, nem que seja, pelos seus característicos abraços. Obrigada, acima de tudo, pela simpatia e boa energia que transmite.

RESUMO

Dadas as mudanças que se têm verificado na sociedade, nos últimos tempos, as Ciências Sociais têm focado, cada vez mais, a atenção na família e nas trocas intergeracionais que ocorrem dentro deste núcleo. A transição para a vida adulta ocorre hoje, de uma forma geral, mais tardiamente, o que implica uma alteração no padrão das relações e interdependências familiares que caracterizavam as gerações anteriores. Os adultos emergentes (AE) e membros da nova geração (“me” ou “eu”) são caracterizados como auto-focados, ao mesmo tempo que são esperadas piores condições de vida para estes, por comparação àquelas que caracterizaram a geração dos seus pais. Será que esta conjuntura compromete a solidariedade intergeracional pela parte dos membros adultos mais jovens da família? Este estudo tem como objectivo explorar a frequência da solidariedade que AE prestam e antecipam prestar, no futuro, aos seus pais e avós. Para o efeito serão estudadas as variações em função das características demográficas e da relação com variáveis psicológicas: narcisismo, auto-estima, satisfação com a vida, altruísmo, identificação com características da adultez emergente, qualidade da relação (satisfação e conflito) e valores de familismo e individualismo. A amostra em estudo é constituída por 150 estudantes do ensino superior, solteiros, com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos, na sua maioria ainda a residir com os pais. Os resultados indicam que os AE esperam ser mais solidários no futuro, do que o que são actualmente, apresentando maior solidariedade intergeracional relativamente aos seus pais, por comparação aos seus avós. Os AE mais altruístas, mais satisfeitos com a relação com os seus pais e avós e com maior identificação com os valores familiares (familismo) apresentam maior solidariedade intergeracional real e antecipada em relação aos seus pais e avós. Verifica-se ainda que a solidariedade que os pais prestam aos avós, a satisfação com o relacionamento, o familismo e o altruísmo são os principais preditores da solidariedade familiar intergeracional.

PALAVRAS-CHAVE: Solidariedade familiar intergeracional; Adultez emergente; Geração Eu; Relações entre pais e filhos; Relações entre avós e netos.

ABSTRACT

Given the changes that have occurred in society in recent times, the Social Sciences have focused increasingly more attention in family and in intergenerational exchanges that occur within this core. The transition to adulthood occurs, in general, later implying a change in the pattern of family relationships and in the interdependencies that characterized previous generations. The emerging adults (EA) and members of the new generation (“me” or “I”) are characterized as self-focused, while worst living conditions are expected for themselves than those that characterized their parents’ generation. Does this situation undermines the intergenerational solidarity of the younger adults of the family? This study aims to explore the frequency of solidarity that EA provide and anticipate provide in the future to their parents and their grandparents. For this purpose the variations will be studied as a function of demographic characteristics and the relationship to psychological variables: narcissism, self-esteem, life satisfaction, altruism, identification with characteristics of emerging adulthood, quality of the relationship (satisfaction and conflict) and values of familism and individualism. The data were collected among 150 college students, unmarried, aged 18 to 28 years old, most of them still living with their parents. The results showed that EA expect to be more supportive in the future than they are now, showing greater intergenerational solidarity in relation to their parents, compared to their grandparents. The EA more altruistic and with higher values in familism had greater values in actual and anticipated solidarity in relation to their parents and grandparents. The satisfaction in the relationship proved to be a dimension that is positively correlated with intergenerational solidarity. We obtained a positive correlation between solidarity that parents give to grandparents and the solidarity that EA provide to their parents or grandparents. Noting that solidarity that parents give to grandparents, the satisfaction in relationship, familism and altruism are the main predictors of intergenerational family solidarity.

KEY-WORDS: Intergenerational family solidarity; Emerging Adulthood; Generation Me; Children-parents 'relationship; Grandchildren-grandparents' relationship.

RÉSUMÉ

Etant donné les changements qui sont survenus dans la société à une époque récente, les Sciences Sociales ont porté plus d'attention sur la famille et sur les échanges intergénérationnelles qui se produisent au sein de ce noyau. La transition vers l'âge adulte a lieu aujourd'hui, en général, plus tard, ce qui implique un changement dans la structure des relations familiales et les interdépendances qui caractérisent les générations précédentes. Les adultes émergents (AE) et des membres de la nouvelle génération ("moi") sont caractérisés comme auto-centré, tandis que les pires conditions de vie sont attendus pour AE que pour la génération de leurs parents. Cette situation sape la solidarité intergénérationnelle de l'adulte plus jeune de la famille? Cette étude vise à examiner la fréquence de la solidarité qui les AE fournissent et d'anticiper de fournir à l'avenir leurs parents et grands-parents. A cet effet, les variations seront étudiées en fonction de caractéristiques démographiques et leur relation avec les variables psychologiques: le narcissisme, l'estime de soi, la satisfaction de vie, l'altruisme, les caractéristiques d'identification de l'âge AE, la qualité de la relation (satisfaction et les conflits) et les valeurs familiales et l'individualisme. Les données ont été recueillies avec 150 élèves dans l'enseignement supérieur, célibataires, âgés de 18 à 28 ans; la plupart vivent encore chez leurs parents. Les résultats indiquent que les AE s'attendent à être plus favorable à l'avenir que ce qu'ils montrent maintenant, montrant une plus solidarité intergénérationnelle en relation avec leurs parents, comparativement à leurs grands-parents. Grand altruisme et familisme est positivement corrélée avec la solidarité réelle et anticipé des AE leurs parents et grands-parents. La satisfaction dans la relation s'est avéré être une dimension qui est corrélée positivement avec solidarité intergénérationnelle. A été obtenu une corrélation positive entre la solidarité que les parents donnent à grand-parents et la solidarité que AE fournir soit leurs parents ou leurs grands-parents. Notant que la solidarité qui les parents donnent à grands-parents, la satisfaction avec les relations, la familisme et l'altruisme sont les principaux prédicteurs de la solidarité familial intergénérationnelle.

MOTS-CLÉ: La Solidarité familial intergénérationnelle; Adultes émergents; Génération Moi; Relation enfants-parents; Relation petits enfants-grands parents.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I: Enquadramento teórico	2
1. Solidariedade familiar intergeracional	2
2. Relações familiares entre pais e filhos em diferentes dimensões da solidariedade	5
3. Relações familiares entre avós e netos	6
4. Características da relação familiar: qualidade, conflito e ambivalência	7
5. Adultez emergente e suas características	8
6. Geração “Eu”, narcisismo e auto-estima	10
6.1. Narcisismo	11
6.2. Auto-Estima	12
7. Valores (Familismo/Individualismo)	14
8. Satisfação com a vida	16
9. Altruísmo	18
Capítulo II – Estudo empírico	19
1. Método	19
1.1. Introdução	19
1.2. Objectivos	20
1.3. Hipóteses	20
1.3.1. Diferenças em função da fase da vida/projecção para o futuro	20

1.3.2. Diferenças em função do familiar receptor/recipiente	21
1.3.3. Solidariedade prestada pelos pais aos avós (transmissão intergeracional da solidariedade)	21
1.3.4. Diferenças em função das características psicológicas individuais intrapsíquicas	21
1.3.5. Diferenças em função das características associadas à geração e/ou período etário	22
1.3.6. Valores (familistas e individualistas)	22
1.3.7. Qualidade da relação	23
1.3.8. Diferenças em função dos dados sócio-demográficos	23
1.3.8.1. Motivo da escolha dos avós	23
1.3.8.2. Diferenças em função do NSE	24
1.3.8.3. Diferenças em função do estado civil dos pais	24
1.3.8.4. Diferenças em função da situação de residência	24
1.3.9. Relações entre variáveis - Regressões	24
1.4. Variáveis	24
1.5. Caracterização da amostra	25
1.6. Procedimento de recolha de dados	25
1.7. Procedimento de análise de dados	26
1.8. Instrumentos de medida	26
1.8.1. Reflexão falada	26
1.8.2. Propriedades psicométricas dos instrumentos de medida	26

1.8.2.1.	Questionário complementar	27
1.8.2.2.	Escala de Satisfação com a vida (Satisfaction With Life Scale - SWLS)	28
1.8.2.3.	Escala de Auto-Estima (Rosenberg Self-Esteem Scale - RSES)	29
1.8.2.4.	Escala de Altruísmo (subescala de simpatia e amabilidade) da NEO PI-R	29
1.8.2.5.	Inventário de rede de relações (Network of Relationships Inventory – NRI)	30
1.8.2.6.	Inventário das dimensões da Adultez Emergente (Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood - IDEA)	31
1.8.2.7.	Escala de Familismo/Individualismo em jovens adultos	32
1.8.2.8.	Inventário de Personalidade Narcísica (Inventory of narcissistic personality - NPI)	33
1.8.2.9.	Índex da solidariedade familiar intergeracional	34
2.	Resultados	34
2.1.	Diferenças em função da fase da vida/projecção para o futuro	34
2.2.	Diferenças em função do familiar	35
2.3.	Diferenças em função da solidariedade prestada pelos pais aos avós (transmissão intergeracional da solidariedade)	35
2.4.	Características psicológicas individuais intrapsíquicas	36
2.5.	Características associadas à geração e/ou período etário	36
2.6.	Diferenças em função dos valores (Familistas e Individualistas)	36

2.7. Qualidade da relação	36
2.8. Diferenças em função dos dados sócio-demográficos	37
2.8.1. Diferenças em função do motivo da escolha dos avós	37
2.8.2. Diferenças em função do NSE	38
2.8.3. Diferenças em função do estado civil dos pais	38
2.8.4. Diferenças em função da situação de residência	39
2.8.5. Análise de regressão	40
2.8.5.1. Solidariedade que os AE prestam aos pais	40
2.8.5.2. Solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais no futuro	41
2.8.5.3. Solidariedade que os AE prestam aos avós	42
3. Discussão dos resultados	43
CONCLUSÕES	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A adultez emergente é um período etário recentemente identificado mas com características distintivas observáveis em diferentes sociedades ocidentais. O adiamento na transição para a vida adulta que se observa na maioria dos casos é o reflexo de investimentos mais prolongados na formação dos jovens, de modo a lidarem com a precariedade e as exigências do mercado de trabalho. Como consequência, AE e/ou membros da nova geração tendem a ser caracterizados como mais auto-focados. Assim, numa conjuntura em que o investimento parental é cada vez mais prolongado e intenso, o retorno desse investimento pode ser visto como mais incerto, comprometendo o designado “banco de solidariedade” (reciprocidade das trocas de ajuda entre membros de diferentes gerações). Apesar destas mudanças nas novas características desenvolvimentais e geracionais, por um lado, e das novas interdependências familiares, por outro, a literatura tem dedicado pouca atenção à perspectiva, aos comportamentos reais e/ou às intenções futuras de reciprocidade de ajuda por parte dos membros mais jovens da família.

Este trabalho tem como objectivo estudar a influência de algumas dimensões psicológicas na solidariedade intergeracional (actual e antecipada) dos AE e/ou pertencentes à geração “eu” em relação aos seus pais e avós. Serão incluídas dimensões associadas ao período de desenvolvimento (identificação com as características da adultez emergente), à geração (auto-estima e narcisismo), à personalidade (altruísmo), à satisfação com a vida, aos valores (familismo e individualismo) e à qualidade da relação (satisfação e conflito). Pretende-se saber se estas variáveis predizem a solidariedade familiar intergeracional de AE que se encontram a frequentar o ensino superior. Além disso, procura-se analisar o impacto das características sócio-demográficas (estado civil e nível sócio-económico dos pais e situação de residência dos AE) e dos modelos observados (a solidariedade prestada pelos pais dos adultos emergentes aos avós).

O trabalho está estruturado em duas grandes secções. Na primeira, apresenta-se o enquadramento teórico onde são introduzidas considerações gerais sobre a solidariedade familiar entre pais e filhos e entre avós e netos, seguindo-se uma descrição das dimensões psicológicas eleitas como alvo de estudo. Ao longo da descrição serão feitas referências às hipóteses formuladas para este estudo, de modo a fundamentá-las. Na segunda secção, apresenta-se o estudo empírico efectuado, iniciando-se pela descrição da metodologia, para em seguida apresentar-se e discutir-se os resultados obtidos.

Capítulo I: Enquadramento teórico

1. Solidariedade familiar intergeracional

Para a compreensão do tema em estudo considera-se fundamental a explicitação de dois conceitos, solidariedade e intergeracional, para que, em seguida, se aprofunde a solidariedade intergeracional no núcleo familiar. Assim, saiba-se que a palavra solidariedade diz respeito à responsabilidade recíproca entre os elementos de um grupo social, profissional, entre outros; ao sentimento de partilha do sofrimento alheio; é o sentimento que leva a prestar auxílio a alguém; é a adesão ou apoio a uma causa, a um movimento ou a um princípio (Dicionário de Língua Portuguesa, 2004). Já a palavra intergeracional remete para a relação entre gerações. Podendo-se definir as relações intergeracionais como a interacção planeada de grupos de pessoas com idades diferentes, em diferentes fases de vida e em diferentes contextos (Nunes, 2009).

Uma vez que a família também pode ser vista como um grupo, o termo solidariedade, tal como foi apresentado na sua origem social, assumiu contornos semelhantes na teoria intergeracional familiar. A diferença encontra-se nas dimensões que avalia, nos alvos a que se dirige (os membros da família) e no seu carácter desenvolvimental. O surgimento do modelo ou paradigma da solidariedade intergeracional ofereceu terminologia e criou hipóteses sobre a forma como as famílias interagem e o tipo de laços que as unem, tendo em conta vários pontos de vista. Este paradigma tem sido corroborado empiricamente por estudos das relações intergeracionais por mais de três décadas, provando ter um poder exploratório fundamental ao longo de uma variedade de investigações que incluíram diferentes culturas (Bengston & Roberts, 1991, Queirós, 2005).

A família é o lugar primordial onde ocorrem trocas intergeracionais, sendo percebida como fonte inesgotável de entreajuda. No entanto, a família também se encontra exposta às mudanças sociodemográficas das sociedades modernas. O prolongamento da vida, a diminuição da fecundidade ou o adiamento da transição para a vida adulta levam ao aumento do número de famílias trigeracionais, não raras as vezes em situação de coresidência (Fernandes, 2001). Todos estes aspectos enfatizam a necessidade de se reforçarem os estudos nesta área, dadas as mudanças constantes das sociedades ocidentais, incluindo a portuguesa. Deste modo, apesar do seu poder explicativo se manter desde que foi proposto pela primeira vez há 3 décadas atrás, o modelo de solidariedade também já

sofreu alguns ajustes, de modo a adequar-se às mudanças demográficas e sociais. O modelo revisto designa-se modelo de solidariedade familiar intergeracional - modelo de SI. Na sequência do Estudo Longitudinal de três Gerações – University of Southern California Longitudinal Study of Three-Generation Families (LSOG, 1971, cit. in Queirós, 2005) foram identificadas seis dimensões das relações entre pais e filhos adultos ou seis componentes da solidariedade familiar intergeracional: associacional, afectiva, consensual, funcional, normativa e estrutural. O modelo de SI, foi inicialmente desenvolvido para estudar as relações pais-filhos, mais tarde acabou também por se estender à relação avós-netos (Cunha, 2008), uma vez que as mesmas componentes que caracterizam as relações entre os primeiros parecem ser também válidas para as relações entre avós e netos (Silverstein, Chen & Heller, 1996). Contudo, houve a necessidade de rever o modelo de modo a contemplar a especificidade das relações entre avós e netos, considerando-se apenas necessárias e viáveis quatro dimensões da teoria neste tipo de análise: a solidariedade estrutural, associacional; afectiva e funcional (Bales, 2002, cit. in Queirós, 2005).

As solidariedades consensual e normativa dizem respeito, respectivamente, à concordância ou partilha de valores e crenças e ao compromisso no cumprimento das obrigações familiares. A afectiva refere-se ao tipo e à qualidade das relações que se estabelecem entre membros da família. A solidariedade associacional ou associativa diz respeito à regularidade e às situações em que se dão interacções. A solidariedade estrutural descreve os factores que potenciam ou reduzem a oportunidade de interacção social entre as gerações, como, por exemplo, a distância geográfica e a saúde. A funcional refere-se às trocas de recursos e apoio que se dão entre os membros da família (António, 2010). Este estudo privilegiará a solidariedade funcional (variável dependente), explorando também os valores (familistas e individualistas), que se aproximam da solidariedade normativa, e a qualidade da relação, que se aproxima da solidariedade afectiva.

De acordo com Fernandes (2001), de um modo geral, as trocas na família concretizam-se em torno do domínio afectivo, da ajuda doméstica e financeira, da guarda das crianças e dos cuidados gerais em caso de doença ou incapacidade, sendo também evidente o predomínio de cuidados instrumentais e de acompanhamento, maioritariamente protagonizados pela componente feminina do grupo familiar. As trocas monetárias ocorrem principalmente de avós para os netos e de pais idosos para os seus filhos adultos (“de cima para baixo”), mesmo que os rendimentos dos primeiros sejam, em muitos casos, inferiores. O mesmo não acontece quanto aos serviços prestados. Estas trocas ocorrem,

frequentemente, nos dois sentidos. Entre avós e netos, embora as trocas entre estas duas gerações sejam menos frequentes, continuam a ser apreciáveis e vão normalmente dos jovens para os mais velhos (“de baixo para cima”), embora os mais jovens sejam menos vistos como provedores de ajuda.

Parece que os tipos de ajuda que se desencadeiam entre os membros da família, quer provenham da geração intermédia para os seus pais idosos, ou dos pais mais velhos para os filhos, têm normalmente origem no reconhecimento de uma necessidade. Contudo, essa não é a única motivação possível e pode ocorrer variabilidade da mesma ao longo do tempo e dos contextos (ibidem). Segundo Claudine Attias-Donfut (1998, cit. in Fernandes, 2001), existem três tipos de motivações principais: a lógica das necessidades, a reciprocidade e a complementaridade com ajudas públicas. De acordo com a lógica das necessidades, as ajudas são altruisticamente orientadas em direcção aos membros da família que se deparam com dificuldades. Quando a entre-ajuda intergeracional é motivada pelo laço de reciprocidade, as ajudas representam o pagamento de uma dívida resultante de uma dádiva recebida anteriormente (“banco de solidariedade”). A complementaridade com as ajudas públicas ocorre quando o estado de providência se revela insuficiente para responder às necessidades dos indivíduos. A este nível, serão de esperar, como será evidente, diferenças entre classes sociais.

Independentemente dos motivos que levam o sujeito a prestar ajuda, há que realçar que as trocas intergeracionais fruto da solidariedade familiar, não ocorrem igualmente entre os diferentes membros da família (Fernandes, 2001): a densidade média de activação da rede de entreajuda não ultrapassa os 25% dos membros da família e constitui-se como uma espécie de círculo em torno da família nuclear. Esta rede é estruturada em linha vertical, isto é, entre pais e filhos, situando-se, preferencialmente, na linhagem matrilateral. Por isso, será de esperar que existam diferenças de solidariedade intergeracional em função do recipiente de ajuda, sendo de esperar níveis mais elevados de ajuda em relação aos pais do que em relação aos avós (cf. H2). De uma forma geral, os estudos parecem indicar que a *crise da família* devido às perturbações sociodemográficas, caso exista, não destruiu o capital de afectividade fonte de entre-ajuda entre pais e filhos ou entre avós e netos que se relacionam agora efectivamente de modo diferente daquele que se conhece nas sociedades tradicionais (Fernandes, 2001).

2. Relações familiares entre pais e filhos em diferentes dimensões de solidariedade

Apesar das preocupações sobre o enfraquecimento da família, a maior parte dos pais e filhos adultos continua próxima e ligada ao longo das suas vidas. Por exemplo, pelo menos 80% dos pais falam com um filho adulto uma vez por semana (Swartz, 2009).

No que diz respeito aos laços afectivos, de uma forma global, os estudos realizados no contexto norte-americano sugerem que existem elevados índices de partilha de sentimentos positivos e de solidariedade afectiva entre as gerações. Apesar dos sentimentos gerais de proximidade com os pais, existem algumas dimensões de género que devem ser notadas. Os filhos adultos referem sentirem-se mais próximos das suas mães do que dos pais. Por exemplo, enquanto 72% dos adultos referiram sentirem-se “muito próximos” das mães, apenas 55% declarou o mesmo para os seus pais. Estas diferenças provavelmente reflectem o maior envolvimento das mulheres no cuidado dos filhos (que remete a ambos os pais) (Swartz, 2009). Neste sentido, esperam-se diferenças na qualidade da relação em função do género do pai (pai ou mãe) (cf. H7c).

Por outro lado, essas diferenças também podem dever-se às convenções da custódia das crianças (maioritariamente a cargo da mãe) e o envolvimento do pai em caso de divórcio. De facto, a solidariedade intergeracional tende a enfraquecer perante o divórcio dos pais, particularmente em relação ao pai (Swartz, 2009). Por isso, faz sentido analisar se o estado civil dos pais influencia quer a qualidade da relação (cf. H8d), quer a solidariedade familiar intergeracional entre pais e filhos (cf. H8c).

A solidariedade funcional, entre pais e filhos, inclui tanto ajuda material/financeira, como ajuda em tarefas práticas. Tudo indica que o apoio financeiro ocorre principalmente da geração mais velha para a geração mais nova até os pais serem idosos e/ou a sua saúde se deteriorar. Já as trocas de assistência prática entre as gerações é mais prevalente em alguns grupos de adultos, principalmente entre aqueles que têm um pai ou filho adulto doente, que necessitam de ajuda dos avós no cuidado das crianças e/ou que têm baixos recursos económicos (Swartz, 2009). Desta forma, serão esperadas diferenças na solidariedade intergeracional em função do nível socioeconómico (NSE) (cf. H8b).

A coabitação de pais e filhos adultos restringe-se, regra geral, ao início da vida adulta, podendo ocorrer também quando os pais oferecem habitação de forma a reduzir as despesas dos filhos e/ou a aumentar o seu conforto (Swartz, 2009). O prolongamento da coabitação é um dos fenómenos mais associados ao adiamento na transição para a vida adulta que caracteriza a geração actual, em particular em países do sul da Europa, e será

aprofundado mais tarde, aquando da caracterização da adultez emergente. Contudo, dado que a coabitação predispõe aos comportamentos de solidariedade (trata-se de uma oportunidade estrutural), vai-se procurar abordar empiricamente esta relação (cf. H8e).

3. Relações familiares entre avós e netos

Os primeiros estudos sobre as relações intergeracionais entre netos e avós datam dos anos 40 do século XX. No entanto, em Portugal, são ainda praticamente inexistentes (António, 2010), não obstante a sua importância decorrente do aumento da esperança média de vida: aumentam os anos para se ser avô e para os netos usufruírem da sua companhia (Fernandes, 2001). Recenseamentos realizados em Portugal (1981 e 1991) demonstraram que a percentagem de famílias onde não residem idosos baixou de 71% para 69%. Por outro lado, a proporção das famílias com uma só pessoa, com idade superior a 65 anos, aumentou de 7% para 8%. Portugal é, ainda assim, dos países da União Europeia, juntamente com Espanha e a Grécia, onde se registam menores proporções de idosos a residirem sozinhos, apesar de este indicador ter evoluído de 17,5%, em 1981, para 18,5%, em 1991 (Fernandes, 2001).

Para além dos motivos demográficos, as relações entre avós e netos também possuem características que a tornam única. Isto verifica-se porque as relações avós-netos estão livres da obrigação de intensidade psicológica e responsabilidade presente na relação entre pais e filhos. O carácter idiossincrático da relação avós-netos deve-se, em grande medida, à ausência de dois constrangimentos geralmente aliados a outras relações familiares: a formalidade e a estrutura (Queirós, 2005). Neste sentido, são expectáveis valores mais elevados na qualidade da relação entre avós e netos (maior satisfação e menor conflito), por comparação aos pais (cf. H7d.).

Os netos entre os 18 e os 26 anos parecem perceber os avós como uma fonte de influência, não os considerando, contrariamente ao esperado, antiquados. Para além disso, percebem ter responsabilidades com os avós em três parâmetros: o emocional, o da ajuda concreta e a dedicação de tempo significativo. Quanto ao tipo de relações estabelecidas com os avós, a maioria dos jovens parece sentir-se importante para os seus avós e apreciado por eles, sendo estas relações influenciadas pela proximidade geográfica e pela relação estabelecida entre os seus pais e os seus avós (António, 2010). Estudos realizados com jovens universitários, sugerem também que as relações positivas dos netos com os avós estão associadas à percepção de que os avós os conhecem bem e por sua vez eles

conhecem bem os avós, à percepção da influência que os avós têm na sua vida, mas também à muitas vezes indissociável proximidade geográfica e apoio e ao facto da relação ser muito apoiada pelos pais. Desta forma, espera-se que os jovens que residem com os seus avós apresentem níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós (cf. H8f) e que a relação entre pais e avós se assuma como um modelo de interacção familiar e intergeracional para os AE (cf. grupo H3).

É muito importante assinalar que um dos aspectos menos referido desta relação é o facto de que cada neto tem, em princípio, quatro avós, dois avós maternos e dois paternos e que a sua relação pode ser bastante diferenciada com cada um deles (Queirós, 2005). Mills et al. (2001, cit. in Queirós, 2005) fizeram um estudo onde entrevistaram 300 netos adultos nos EUA de ambos os sexos, com uma idade média de 20 anos. Os dados deste estudo indicaram que a solidariedade afectiva e consensual atingia valores mais elevados para as avós maternas do que para os outros três pares de relações. Parecem existir avós que investem mais e de forma diferenciada com netos diferentes, do mesmo modo que os netos reportam sentimentos de preferência por uns avós em relação a outros (Queirós, 2005). Neste sentido, espera-se observar uma relação entre o motivo de escolha e a solidariedade familiar intergeracional prestada e antecipada (cf. H8a).

4. Características da relação familiar: qualidade, conflito e ambivalência

A investigação demonstra que as conexões fortes e geralmente afectivas, de elevada qualidade, que se estabelecem entre pais e filhos adultos não são sinónimas de ausência de conflito nas relações (Bengtson, 2001, cit. in Swartz, 2009). O conceito de ambivalência descreve os sentimentos positivos e negativos que coexistem nestes relacionamentos (Luescher & Pillemer, 1998; Connidis & McMullin, 2002, cit. in Swartz, 2009). A ambivalência intergeracional emerge muitas vezes em resposta a tensões entre a interdependência ou apoio entre as gerações e a autonomia dos membros da família. É ainda de acrescentar que a investigação na ambivalência intergeracional sugere que esta é mais provável quando o conflito familiar é maior e quando as relações ou comportamentos não estão em conformidade com as normas e as expectativas do curso de vida (Connidis & McMullin, 2002, cit. in Swartz, 2009).

Bengtson e colaboradores argumentam que o conflito é um aspecto normal das relações familiares, que afecta a forma como os familiares se percebem uns aos outros, comprometendo por vezes a vontade de se ajudarem uns aos outros. O conflito pode

significar que algumas questões difíceis nunca serão resolvidas, mas que outras serão resolvidas ao longo do tempo e que a qualidade global das relações melhora, em vez de deteriorar. Assim, o conflito e a ambivalência são percebidos como componentes naturais das relações humanas, incluindo as familiares. Deste modo, os modelos que enfatizam estas dimensões complementam, e não competem, com o modelo de solidariedade. A solidariedade e o conflito não representam um único continuum de elevada solidariedade a elevado conflito, pelo contrário, as relações familiares tanto podem exibir solidariedade elevada e conflito elevado, ou solidariedade baixa e baixo conflito, dependendo das dinâmicas familiares e das situações (Lowenstein, 2007).

De facto, Silverstein e colaboradores (2002, cit. in Swartz, 2009) referem que mesmo em casos em que pais e filhos adultos apresentam relações tensas ou distantes desde cedo, estes últimos tendem a responder às necessidades dos primeiros, aumentando mesmo o suporte oferecido aos pais à medida que estes envelhecem, em particular em períodos de doença, dificuldades económicas, limitações funcionais, viuvez e divórcio (Swartz, 2009). Faz, neste contexto, sentido analisar a influência da qualidade da relação - satisfação e conflito - na solidariedade familiar intergeracional (cf. H7a e H7b).

Procura-se, de seguida, contextualizar algumas características desenvolvimentais e psicológicas que podem produzir impacto na solidariedade intergeracional.

5. Adultez emergente e suas características

As mudanças socioculturais que ocorreram nos países industrializados levaram ao surgimento de um novo “período de vida” que pode ser enquadrado entre a adolescência e a adultez (Arnett, 2000, cit. in Oliveira, 2008). Este período etário situa-se, embora de modo flexível, entre os 18 e os 30 anos de idade (Coimbra, 2008). São várias as expressões utilizadas na literatura para referir este período etário, encontrando-se usualmente expressões como: transição para a idade adulta, adolescência tardia e jovens adultos. Arnett propôs para esta nova etapa de desenvolvimento humano, a designação *adultez emergente* (Mendonça, 2007). Este período apresenta características próprias que o distinguem qualitativamente de qualquer outra (Arnett, 2005): 1) É um período de exploração identitária, especialmente nas áreas das relações amorosas e do trabalho; 2) É um período caracterizado pela instabilidade; 3) É uma altura da vida em que os sujeitos se encontram mais focados em si próprios; 4) É um período de vida em que os sujeitos sentem estar numa fase intermediária entre a adolescência e a adultez; 5) Por fim, é uma época de

abertura de possibilidades caracterizada por elevados sentimentos de optimismo e pela existência de inúmeras oportunidades de transformação da vida pessoal (Arnett & Tanner, 2006).

As alterações nos padrões sociais, culturais e demográficos presentes nos países industrializados e pós-industrializados levaram, então, a um adiamento da “entrada para a idade adulta”, passando esta a ter caminhos mais irregulares e incertos (Mendonça, 2007). A necessidade de uma formação mais exigente e prolongada pode ter contribuído para o surgimento deste período (Coimbra, 2008). De facto, tem-se assistido, nas últimas décadas, a um prolongamento dos percursos escolares, devido aos elevados níveis de qualificação exigidos pelas sociedades de modernidade tardia (Côté, 2006), uma vez que o mercado de trabalho é cada vez mais instável e as ofertas de emprego são cada vez mais escassas (Coimbra, 2008). Segundo Côté (2006), isto leva a inserções profissionais mais tardias e, como consequência destes processos, assiste-se ao adiamento dos projectos de conjugalidade e parentalidade, que são também o reflexo de mudanças nos valores quanto aos tempos e formas de realização pessoal na esfera familiar. Para além destes factores, Côté (2006) refere o enfraquecimento das estruturas sociais e institucionais que antes governavam a entrada na idade adulta. Sustenta que nas sociedades de modernidade tardia existe um aumento da anomia, as sociedades são hoje menos normalizadas, o que conduz a uma maior liberdade de escolha, mas, por outro lado, a menos apoio na transição para a idade adulta. Não são apenas os aspectos estruturais que acompanham a transição para a vida adulta que mudaram, foi também o modo como esta fase da vida é experienciada pelos próprios jovens: a tarefa de “ser adulto” aparece hoje, não só mais tarde em termos etários como, de acordo com alguns autores, envolta em novas exigências do ponto de vista psicológico (Mendonça, 2007).

Em Portugal, o retardar da idade do casamento é uma tendência que se tem mantido ao longo das últimas décadas e para ambos os sexos, embora mais significativamente nas mulheres. Em relação à idade média do casamento, registou-se um aumento de 3, 4 anos para os homens e de 3, 6 anos para as mulheres, em relação a 1960. Sendo a idade média do primeiro casamento em 2005, 28,9 anos para os homens e 27,3 anos para as mulheres. No que se refere à idade média do nascimento do primeiro filho, em 1982, era 23,5 anos; em 2005 atinge os 27,8 anos (Instituto Nacional de Estatística, 2006, cit. in Monteiro et al., 2009). Coimbra (2008) refere que os jovens portugueses ao adiarem o casamento e a parentalidade adiam consequentemente a saída de casa dos pais. Refere que o número de jovens que continuam a viver com a família de origem passou de 59,6% em 1991 para

76,3% em 2001. Tal parece ser justificado pelo facto da sua presença na universidade ter duplicado e o número de jovens desempregados ter quadruplicado. Para além destes factores, tal também pode ser verificado após a entrada no mercado de trabalho ou após o casamento ou união de facto, pois hoje as situações são mais precárias e reversíveis do que nas gerações anteriores (Coimbra, 2008). Acredita-se que a coabitação e dependência mais prolongada com a família de origem é uma das características da nova geração que produzirá impacto nas relações intergeracionais.

Procurar-se-á averiguar se os AE perspectivam a ajuda futura aos pais e aos avós de um modo diferente da ajuda que prestam actualmente e se esta solidariedade se encontra associada às características que definem este período etário. Nesse sentido lançaram-se as hipóteses do grupo H1.

6. Geração “Eu”, narcisismo e auto-estima

Têm sido identificadas nos indivíduos nascidos entre as décadas de 70 e 90, algumas características que se aproximam aos indivíduos que se encontram a passar o período etário da adultez emergente, características essas que também se acredita poderem produzir impacto na solidariedade intergeracional. É esta geração que se pretende descrever de seguida.

Parece existir um consenso quanto à existência de diferentes gerações que têm emergido desde a segunda Guerra Mundial. A primeira geração foi chamada de “Boomers” (designando o boom de nascimentos após esse conflito mundial), a segunda chamada de geração X e a actual de geração “eu”. Em relação a esta última, a designação tem variado de autor para autor (Omay, 2009). Strauss e Howe (1997) denominam-na de geração Milénio, mas existem autores que preferem usar termos como geração Net, geração Y, ou geração “eu” (Gouveia e Simões, 2008).

Twenge (2006) dá-nos conta que uma marca distintiva desta geração é o aumento do narcisismo. Baptizou-a de “geração me” ou geração “eu”, caracterizando-a como egoísta, consciente e defensora dos seus direitos e auto-centrada. Argumenta que esses atributos geracionais são devidos, pelo menos em parte, ao designado “movimento da auto-estima”, quando pais e restantes educadores começaram a educar as crianças tendo como objectivo principal a preservação e promoção da sua auto-estima (Twenge, 2006).

Para além disso, muitos estudos demonstram um aumento do individualismo. (Twenge & Campbell, 2008). Sobre este aspecto há que realçar o facto de Portugal ser

tendencialmente mais familista que a sociedade norte-americana. Portanto, apesar de os estudos indicarem que a geração em estudo será mais individualista, tem-se de considerar também as características específicas da sociedade portuguesa.

Os sujeitos pertencentes a esta Geração têm sido expostos às tecnologias digitais em praticamente todas as facetas das suas vidas, o que influenciou a forma como estabelecem relações interpessoais e o modo como perspectivam o mundo (Tapscott, 1997). De acordo com Prensky (2001), estes jovens desenvolveram particularmente a capacidade para realizar diversas tarefas em simultâneo e habituaram-se a esperar interações rápidas e eficazes através dos seus canais de comunicação (Gouveia & Simões, 2008).

Partindo do princípio que esta geração apresenta valores elevados de narcisismo e auto-estima, parece relevante verificar a relação que estas características mantêm com a solidariedade intergeracional (cf. H5).

6.1. Narcisismo

A literatura demonstra que a adultez emergente e a geração “eu” evidenciam a presença evidente de uma maior auto-focagem e, eventualmente, de mais traços narcísicos e níveis mais elevados de auto-estima que qualquer outro período etário ou geração. Por este motivo, torna-se relevante explicar estes conceitos.

Foi com base no mito de Narciso que Freud começou a delinear o aspecto “narcisista”, que em termos psicanalíticos significa a retenção da libido pelo ego (Volpi, 2003). De acordo com Volpi (2003), verifica-se nos dias de hoje um culto ao narcisismo. Este culto é visível na adoração da imagem, da aparência, do poder e na desmesurada procura de um lugar de destaque onde se possa ser elogiado e engrandecido. O mesmo autor diz ainda que o narcisismo está aliado à busca de poder.

Twenge e Campbell (2009) referem-se aos traços da personalidade narcísica que estão presentes na população normal, sendo, por isso, comportamentos e atitudes que não são suficientes para um diagnóstico clínico, mas que podem ser destrutivos para o indivíduo e para as outras pessoas. Os autores consideram, contudo, que este “narcisismo normal” é potencialmente mais perigoso porque é muito mais comum. Na sua perspectiva, o narcisismo não é simplesmente uma atitude confiante ou o reflexo de sentimentos positivos de auto-estima. Os narcisistas dirigem a sua atenção e energia para a auto-regulação que possibilite manter elevados os traços agênticos que lhes permitam sentir-se

bem com eles próprios. Estes esforços de auto-regulação são moldados pelo pouco interesse que os indivíduos narcisistas têm pelas relações com os outros. Isto pode ser visto em fantasias privadas de poder e fama, monólogos espontâneos que tendem a ser acerca do self, conversas interpessoais que se transformam em oportunidades para se auto-promoverem, procura de atenção e exibicionismo, materialismo, brincar nos relacionamentos e noutros domínios sociais (Campbell e Buffardi, 2008).

Twenge e Campbell (2009) referem que os Estados Unidos da América (EUA) estão a sofrer uma “epidemia de narcisismo”: em 85 amostras de estudantes universitários de todas as regiões dos EUA foi observado um aumento acentuado nos resultados do NPI entre 1982 e 2006. Em 2006, 1 em 4 respondeu à maioria das perguntas na direcção narcisista, enquanto que em 1982 tal tinha acontecido apenas em 1 em cada 7 (Twenge & Campbell, 2009).

O narcisismo, às vezes, é confundido com auto-estima “realmente elevada”. Os narcisistas têm, de facto, regra geral, auto-estima elevada, mas a auto-estima e o narcisismo diferem em pontos importantes. Os narcisistas consideram-se mais espertos, bonitos e mais importantes que os outros, mas não necessariamente mais morais, mais carinhosos ou com maior compaixão. Pessoas com elevada auto-estima têm igualmente visões positivas acerca de si, mas também são orientadas por padrões morais e interessam-se pelas relações interpessoais (Twenge & Campbell, 2009).

6.2. Auto-Estima

A auto-estima é um constructo popular e importante nas ciências sociais e na vida quotidiana (Blascovich & Tomaka, 1991). A auto-estima é uma área de estudo que tem sido abordada com maior frequência nos últimos anos. No entanto, não é fácil apresentar uma definição totalmente satisfatória de auto-estima. Auto-estima, auto-imagem, percepção de si mesmo e autoconceito são algumas das expressões utilizadas frequentemente de forma indiferenciada (Gouveia, 2003). A noção popular de auto-estima é muito simples: é a medida em que cada um se valoriza, se aprova ou gosta de si mesmo (Blascovich & Tomaka, 1991).

Vaz Serra (1987, cit. in Freitas, 2008) refere que a auto-estima é uma faceta do autoconceito, definindo-a como a avaliação das qualidades, dos desempenhos, virtudes ou valor moral, que cada indivíduo faz de si próprio. Este autor considera, assim, que a auto-estima é o juízo que o sujeito faz acerca de si próprio, podendo ser negativo ou positivo,

perante acontecimentos ou aspectos considerados importantes. Encontra-se, muitas vezes, associada aos fenómenos de compensação ou de descompensação emocional do indivíduo (Freitas, 2008).

Rosenberg (1979, cit. in Freitas, 2008) considera que a auto-estima se divide em três componentes: o “Eu existente”, que se refere à forma como cada pessoa se vê a si própria; o “Eu desejado” que corresponde à maneira como a pessoa gostaria de ser; e o “Eu revelado”, que se refere à maneira como o sujeito tenta mostrar-se ou dar-se a conhecer aos outros. Mais tarde, a sua definição de auto-estima incluirá duas dimensões: a maneira como o sujeito se vê e a maneira como se descreve, nas suas várias dimensões.

Campbell (1999, cit. in Antunes, 2006) chama também a atenção para o facto de se poder falar de dois tipos de auto-estima: a auto-estima externa e a auto-estima interna. A auto-estima externa é uma auto-avaliação temporária, que varia em função das situações, papéis, acontecimentos, avaliações realizadas por outros acerca do *self*. Já a auto-estima interna é um julgamento global de valor próprio, que parece formar-se relativamente cedo no desenvolvimento do ser humano e que permanece constante e resistente ao tempo, podendo mesmo chamar-se de auto-estima traço (Epstein, 1983; O’Malley & Bachman, 1983, cit. in Antunes, 2006).

Segundo Antunes (2006), a maioria dos autores considera a auto-estima como um componente avaliativo do *self*, enquanto o auto-conceito seria a sua componente descritiva. A auto-estima global é "a positividade da avaliação que a pessoa faz de si mesmo(a)" (Baumeister, 1998, p. 694, cit. in Twenge et al., 2009) ou "o nível global de respeito que alguém tem por si como pessoa" (Harter, 1993, p. 88, cit. in Twenge et al., 2009). Os domínios específicos da auto-estima, por outro lado, descrevem a auto-satisfação em áreas específicas (por exemplo, aparência, académica, social) (Twenge et al., 2009).

Twenge e Campbell (2008) referem que os níveis de auto-estima estão mais elevados entre os estudantes universitários, afirmando-se, a par com o narcisismo, como uma das características distintivas da geração “eu”. Em meados da década de 90, os estudantes universitários (rapazes) tinham uma auto-estima mais elevada do que 86% dos estudantes universitários em 1968. No que diz respeito às estudantes universitárias mulheres, em 1990, apresentavam uma auto-estima mais elevada do que 71% das estudantes da Boomer Generation. As gerações mais recentes concordam mais facilmente com afirmações como “De uma forma geral, estou satisfeito comigo próprio(a)”.

7. Valores (Familismo/Individualismo)

O familismo é um subtipo de colectivismo, que se centra fundamentalmente nas relações com a família, descrita como uma colectividade de menor dimensão. Distingue-se claramente do companheirismo (que foca as relações com os pares) e do patriotismo (que foca as relações com a sociedade). Este conceito interliga-se ainda com a noção de devoção filial (“filial piety”), mais característica de populações asiáticas (Fontaine & Matias, 2003).

O familismo é definido a partir de três dimensões: estruturais, atitudinais e comportamentais que operam no sistema da família alargada, decorrente da percepção de direitos, deveres e obrigações para com a família por parte dos seus membros (ibidem). A dimensão estrutural do familismo circunscreve as fronteiras sociais e espaciais dentro das quais os comportamentos ocorrem e as atitudes adquirem significado. Assim, o familismo está associado ao sentimento de pertença ao grupo familiar (o nós), relativamente ao qual as outras pessoas são externas/intrusas (os outros), à valorização da unidade familiar e à assumpção de que terras, dinheiro e outros bens materiais são propriedades familiares. A dimensão atitudinal refere-se à identificação do sujeito com os interesses e bem-estar da família, manifesta-se pela coesão familiar, envolvendo os diferentes graus de vinculação e afinidade durante o contacto com os membros da família, bem como a preocupação pela perpetuação da família. A dimensão comportamental envolve a interligação completa das actividades individuais para o alcançar de objectivos familiares, bem como o apoio, a protecção e a assistência aos membros que deles necessitam (Fontaine & Matias, 2003).

O conceito de individualismo surge frequentemente associado aos discursos de declínio da identidade familiar e dos valores da família, dando-se como justificação o facto de que as pessoas estão a tornar-se mais individualistas e que a procura de auto-realização substitui os objectivos associados aos valores familiares tradicionais. O individualismo, surge, assim, como um conceito oposto ao colectivismo e ao familismo. Pode dizer-se, de forma resumida, que o individualismo compreende atitudes, valores e comportamentos que dão maior ênfase ao bem-estar próprio, à liberdade, à autonomia e à satisfação dos desejos pessoais e à competitividade (Fontaine & Matias, 2003).

A maior parte dos estudos nesta área, compara, numa perspectiva multi-étnica, o familismo, indicador da identidade cultural das populações latinas (como a mexicana, porto-riquenha e cubana), ao individualismo, característico das sociedades anglo-americanas (Fontaine & Matias, 2003). Embora alguns autores e comentadores culturais

demonstrem as suas preocupações relativas ao individualismo generalizado ter diminuído os compromissos com os laços familiares e outros suportes familiares, adultos norte-americanos continuam a expressar sentimentos de obrigação em relação aos seus pais e filhos adultos (Swartz, 2009). Mesmo que o suporte intergeracional esteja “adormecido” por um tempo, as normas culturais de suporte familiar permanecem fortes e duradouras e parecem ser activadas sempre que os membros da família precisam de ajuda.

Um estudo transcultural, comparando populações latinas, coreanas, afro-americanas, japones-americanas e coreano-americanas, pretendeu observar a influência das dimensões individualismo/familismo nas emoções associadas à prestação de cuidados a familiares. O modelo conceptual defendia que grupos com elevado valores de familismo perceberiam o cuidar de um membro da família como uma etapa natural da vida familiar, apresentando menores índices de depressão, ansiedade e sobrecarga ou fardo. Pelo contrário, em culturas com valores individualistas, as pessoas interpretariam este mesmo aspecto como uma interrupção ou quebra nos seus objectivos e planos individuais. Os dados obtidos, demonstraram que, como previsto, os coreanos, coreano-americanos de 1º geração e latinos de 1º e 2º geração apresentam valores mais elevados de familismo, que os afro e anglo-americanos. Ao contrário da tendência esperada, o familismo tinha efeitos emocionais opostos nos diversos grupos étnicos: somente para os latinos e afro-americanos se comprovou a associação esperada entre familismo e sobrecarga (Fontaine & Matias, 2003).

Portugal tem especificidades culturais e sociais, apesar de se inserir na sociedade ocidental e industrializada e portanto defensora de valores individualistas, também possui raízes tradicionais, características quer dos países europeus considerados mais conservadores, quer dos povos latinos, que dão particular destaque aos valores familiares (ibidem). Portugal, em conjunto com a Grécia, a Turquia e a Espanha, é dos países mais colectivistas da Europa Ocidental. Além disso, trata-se de um país menos individualista do que os EUA (Vásquez & Páez, 2010). Porém, também se sabe que se os valores da sociedade actual continuarem a apresentar mudanças aceleradas e constantes, as famílias serão sujeitas a profundas alterações, quer na sua estrutura, quer nas suas funções. Será, assim, de esperar que os valores, atitudes e comportamentos dos membros da família sofram transformações e que processos de ajustamento às novas realidades sejam activados (Fontaine & Matias, 2003).

Neste sentido, definiu-se como um dos objectivos, o estudo da relação entre os valores e a solidariedade intergeracional. As normas relacionadas com o familismo e as

expectativas de relações duradouras e responsabilidades familiares parecem ser importantes na tomada de decisões e do comportamento em relação à ajuda intergeracional (Choi, 2003, cit. in Swartz, 2009). Neste sentido, formularam-se as hipóteses pertencentes ao grupo H6.

8. Satisfação com a vida

A título exploratório, analisaram-se as variáveis psicológicas satisfação com a vida e altruísmo e a possível correlação com a solidariedade intergeracional. Seguem-se as descrições desses dois constructos.

A satisfação com a vida pode ser definida como a avaliação que cada pessoa faz da sua satisfação em relação a diferentes domínios da sua vida. Referindo, para efeito, a existência de pelo menos 12 domínios envolvidos na avaliação da satisfação com a vida, tal como: a relação do casal, relações familiares, relações de amizade, qualidade da habitação, saúde, finanças, auto-estima, religião, actividades recreativas, condições de transporte e educação e actividade profissional (Kwan, Bond & Singelis, 1997).

É importante salientar que alguns autores utilizaram durante bastante tempo os termos felicidade e satisfação com a vida de forma indiferenciada, ou seja, utilizaram o termo felicidade para referirem a satisfação com a vida (Teixeira, 2008). Contudo, de acordo com o mesmo autor, tem existido uma crescente preocupação na utilização de termos cada vez mais precisos, como “bem-estar subjectivo” e “satisfação com a vida”. Desta forma, procura-se evitar a ambiguidade do termo felicidade, usado por vezes de uma forma errada para descrever um estado emocional temporário. Lyubomirsky (2001) não apresenta nenhuma definição diferencial entre as noções de felicidade, bem-estar subjectivo e satisfação com a vida. À semelhança da satisfação com a vida, enfatiza igualmente no bem-estar subjectivo e na felicidade, a relevância dos processos cognitivos e motivacionais. Refere ainda que indivíduos felizes e infelizes diferem entre si nas estratégias cognitivas, avaliativas e motivacionais que utilizam, fazendo especial referência à influência dos processos de comparação social, redução da dissonância, auto-reflexão, auto-avaliação e percepção individual.

De acordo com Ribeiro (2005, cit. in Teixeira, 2008), parece estar consensualmente definido que a satisfação com a vida se apresenta como a dimensão cognitiva do bem-estar subjectivo, sendo que a felicidade (dimensão emocional de carácter positivo ou negativo) surge como uma segunda dimensão do mesmo conceito. Esta visão é partilhada por outros

autores. Assim, a satisfação com a vida encontra-se em estreita relação com a noção de felicidade, tratando-se de uma das componentes do bem-estar subjectivo. Sendo geralmente definida como a avaliação subjectiva que cada sujeito faz da vida em geral, espelha a discrepância percebida entre as aspirações e as realizações (Teixeira, 2008).

Diener e colaboradores (1984, cit. in Heller et al., 2004) definem a satisfação com a vida como uma das duas componentes do bem-estar subjectivo. O bem-estar subjectivo seria constituído pela afectividade (emoções positivas e negativas) e pela cognição, ou seja, pelas cognições avaliativas ou julgamento do sujeito relativamente à sua qualidade de vida em geral (satisfação com a vida). A investigação da satisfação com a vida, no âmbito da psicologia positiva, tem incidido no estudo das razões que levam as pessoas a estarem satisfeitas. Procura averiguar porque é que umas estão mais satisfeitas do que outras e o modo como as pessoas julgam a vida que têm (Teixeira, 2008).

Martin Rein (1994) num dos seus artigos referiu que a satisfação pode ser uma consequência da solidariedade intergeracional (resultado ou uma consequência positiva de dar, receber e das relações mútuas entre gerações), mas é igualmente plausível que o inverso seja verdadeiro: uma vida satisfatória pode também ser a causa do aumento da solidariedade. A literatura tem evidenciado que receber e prestar apoio melhora a vida quer do dador quer do receptor de uma forma bastante forte, apesar da fraca evidência empírica.

Rein (1994) comparou a satisfação com a vida em idosos, em cinco países (Alemanha, EUA, Canadá, Grã-Bretanha, Japão) consoante o tipo de actividades em que estavam envolvidos (emprego, voluntariado, cuidar das crianças, cuidar de alguém doente, ajuda mútua entre vizinhos, ajuda informal quando é necessária, receber ajuda dos filhos, ajuda mútua inter-familiar). Verificou uma variação substancial na satisfação com a vida nos 5 países, enquanto a relação entre a forma e a participação na família eram estáveis. Os países anglo-americanos têm níveis muito mais elevados de satisfação com a vida nos idosos (50% na Grã-Bretanha e 61% nos EUA), do que a Alemanha (41%) e o Japão (28%). Concluiu que o simples facto de se receber apoio da família não tem praticamente nenhum efeito na satisfação com a vida. Por outro lado, actuar como cuidador produz níveis mais elevados de satisfação nos 5 países, especialmente na prestação de cuidados às crianças e em alguns casos em situação de doença. Parece que dar apoio aos outros, sendo ou não sendo familiares, está mais altamente relacionado com a satisfação com a vida.

Outro estudo realizado com idosos chineses, procurou explorar a relação entre as relações intergeracionais e a satisfação com a vida. Através da comparação das trocas entre ambas as gerações (pais e filhos), o estudo revelou que os mais idosos apresentavam níveis

mais elevados de satisfação com a vida quando recebiam um contacto mais frequente e mais apoio financeiro e emocional dos seus filhos (Wang, 2011). Outro estudo que explorou o papel das trocas intergeracionais (entre filhos adultos e pais idosos) na satisfação com a vida, também de pessoas idosas, demonstrou que a capacidade de ser activo nas trocas relacionais aumenta a satisfação com a vida dos idosos. Ser maioritariamente receptor de ajuda dos filhos está relacionado com valores mais baixos de satisfação com a vida (Lowenstein, Katz & Gur-Yaish, 2007).

Apesar destes estudos se referirem maioritariamente aos efeitos da solidariedade intergeracional nos idosos, parece evidente que o bem-estar é uma variável indissociável das trocas de ajuda quer para quem recebe, como para quem dá. Contudo, os resultados não são unânimes: ser receptor de ajuda pode aumentar o bem-estar porque, para além da melhoria das condições de vida, promove o sentimento de ser amado e de pertença. Contudo, pode também diminuir o bem-estar se for entendida como uma situação sinónima de perda de autonomia e de vulnerabilidade. Por outro lado, porque os recursos – de tempo, de dinheiro, de energia – são limitados, é natural que se pense uma diminuição do bem-estar quando se pensa no fardo que pode ser vivenciado pelo cuidador. Contudo, também pode ser percebida como uma boa oportunidade de demonstrar gratidão e retribuir a ajuda que foi dada ao longo do ciclo de vida e por isso trazer alegria e satisfação para quem dá (Merz, Schulze & Schuengel, 2010) ou pensa poder vir a dar apoio intergeracional.

Foi no seguimento destes estudos que procurou-se analisar a existência de alguma correlação entre a solidariedade e a satisfação com a vida (cf. H4).

9. Altruísmo

O altruísmo tem sido denominado de diferentes formas: comportamento pró-social, comportamento social positivo ou comportamento centrado nos outros (Lourenço, 1988). Independentemente da expressão usada, tem sido definido essencialmente como um comportamento voluntário, deliberado, que beneficia o outro e que não é motivado pela expectativa de recompensas externas ou pelo evitamento de punições externas (Seefeldt, 2008).

O altruísmo é classificado como um comportamento destinado a atender as necessidades do outro, envolvendo escolhas em que os indivíduos colocam menos valor nos resultados pessoais e demonstram pouca disposição para fazer cálculos racionais de custos e benefícios (Ebrahim, 2001).

De acordo com a teoria da personalidade Big Five (os grandes cinco factores da personalidade), existem cinco grandes dimensões da personalidade: o neuroticismo, extroversão, abertura, responsabilidade e amabilidade. A amabilidade engloba características como empatia, vinculação, altruísmo, confiança, moralidade, cooperação, compreensão, simpatia. A amabilidade mede a qualidade da orientação interpessoal, segundo um contínuo, que vai desde a compaixão, ao antagonismo nos pensamentos, sentimentos e acções. O indivíduo muito amável caracteriza-se por ser sentimental, bondoso, de confiança, prestável, disposto a perdoar, crédulo e recto (Lima & Simões, 2000). Pessoas amáveis usualmente ajudam os outros, estão motivadas para manter relações positivas com os outros. Essa motivação tem sido associada a uma vontade de suprimir o bem-estar pessoal para o bem do grupo social, de colocar os interesses dos outros acima dos próprios (Zee & Perugini, 2006).

A literatura não é clara quanto aos motivos que estão na base para a prestação da solidariedade. Contudo, parece evidente, como já foi salientado, que os comportamentos de solidariedade são motivados sobretudo pela reciprocidade ou gratidão e pela necessidade dos outros ou altruísmo (Attias-Donfut, s/d., cit. in Lennartsson, Silverstein & Fritzell, 2010). Este estudo também pretende averiguar se, efectivamente, o altruísmo tem um papel na solidariedade intergeracional (cf. Grupo H4).

Capítulo II – Estudo empírico

1. Método

1.1. Introdução

Nesta secção, pretende-se expor a metodologia do estudo empírico realizado. Para o efeito, começa-se por descrever os objectivos e as hipóteses de investigação. Em seguida, definem-se as variáveis a utilizar. Posteriormente, apresentar-se-ão as características da amostra e o procedimento utilizado na administração dos instrumentos e de análise e tratamento de dados. Serão ainda descritos os instrumentos de medida utilizados para recolha de dados, descrevendo, para cada um, as suas características originais e as qualidades psicométricas avaliadas no âmbito deste trabalho.

1.2. Objectivos

Esta investigação apresenta como objectivo principal analisar as variáveis que se acredita poderem produzir impacto na frequência de solidariedade intergeracional funcional: variáveis demográficas, variáveis associadas à faixa etária/geração dos participantes, variáveis individuais intrapsíquicas, variáveis relacionais e variáveis associadas aos valores.

Pretende-se assim, de uma forma mais específica, avaliar:

- 1) Diferenças em função das variáveis demográficas (nível sócio-económico e estado civil dos pais, situação residencial dos AE) e da razão de escolha dos avós em estudo nos níveis de solidariedade intergeracional funcional presente e futura em relação a pais e avós.
- 2) A relação recíproca estabelecida entre as variáveis associadas à qualidade da relação com pais e avós (satisfação e conflito), pessoais intrapsíquicas (altruísmo e satisfação com a vida), associadas aos valores (individualismo e familismo), associadas à geração e faixa etária (narcisismo, auto-estima e dimensões da adultez emergente) e associadas à solidariedade intergeracional funcional observada (entre pais e avós) e praticada (real e futura), explorando o valor preditivo das primeiras sobre esta última.

1.3. Hipóteses

No seguimento dos objectivos propostos, apresentam-se as hipóteses de investigação formuladas (a sua fundamentação é apresentada na introdução teórica). Posteriormente, estas orientarão a interpretação dos resultados obtidos. As hipóteses serão apresentadas em pontos diferentes, de acordo com as variáveis estudadas.

1.3.1. Diferenças em função da fase da vida/projecção para o futuro

H1a. Os AE pensam prestar mais solidariedade no futuro do que aquela que prestam actualmente aos seus pais.

H1b. Os AE pensam prestar mais solidariedade no futuro do que aquela que prestam actualmente aos seus avós.

1.3.2. Diferenças em função do familiar receptor/recipiente

H2a. Os AE são mais solidários com os seus pais do que com os seus avós.

H2b. Os AE antecipam ser mais solidários no futuro com os seus pais do que com os seus avós.

1.3.3. Diferenças em função da solidariedade prestada pelos pais aos avós (transmissão intergeracional da solidariedade)

H3a. Os AE com pais mais solidários com os seus avós apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus pais do que os AE cujos pais são menos solidários.

H3b. Os AE com pais mais solidários com os seus próprios pais (avós) apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós do que os jovens adultos cujos pais são menos solidários.

1.3.4. Diferenças em função das características psicológicas individuais intrapsíquicas

H4a. Os AE com valores mais elevados de altruísmo apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus pais do que os sujeitos com valores baixos de altruísmo.

H4b. Os AE com valores mais elevados de altruísmo apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós do que os sujeitos com valores baixos de altruísmo.

H4c. Os AE mais satisfeitos com a vida apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus pais, por comparação com os sujeitos menos satisfeitos com a vida.

H4d. Os AE mais satisfeitos com a vida apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós, por comparação aos sujeitos menos satisfeitos com a vida.

1.3.5. Diferenças em função das características associadas à geração e/ou período etário

H5a. Os AE com níveis mais elevados de auto-estima apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus pais, por comparação com os sujeitos com níveis mais baixos de auto-estima.

H5b. Os AE com níveis mais elevados de auto-estima apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus avós, por comparação com os sujeitos com níveis mais baixos de auto-estima.

H5c. Os AE mais narcisistas/narcísicos apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus pais, por comparação com os menos narcisistas/narcísicos.

H5d. Os AE mais narcisistas/narcísicos apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus avós, por comparação com os menos narcisistas/narcísicos.

H5e. Os jovens que apresentam valores mais elevados nas características associadas à adultez emergente (exploração identitária, focagem nos outros, percepção de muitas possibilidades, percepção de instabilidade, percepção de sentir-se entre a adolescência e idade adulta) apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus pais, por comparação com os indivíduos que apresentam valores mais baixos nestas dimensões.

H5f. Os jovens que apresentam valores mais elevados nas características associadas à adultez emergente (exploração identitária, focagem nos outros, percepção de muitas possibilidades, percepção de instabilidade, percepção de sentir-se entre a adolescência e idade adulta) apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus avós, por comparação com os indivíduos que apresentam valores mais baixos nestas dimensões.

1.3.6. Diferenças em função dos valores (Familistas e Individualistas)

H6a. Os AE com mais características individualistas apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus pais do que os AE menos individualistas.

H6b. Os AE com mais características individualistas apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus avós do que os AE menos individualistas.

H6c. Os AE com mais características familistas apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus pais do que os AE menos familistas.

H6d. Os AE com mais características familistas apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós do que os AE menos familistas

1.3.7. Qualidade da Relação

H7a. Os AE com melhor qualidade de relacionamento (maior satisfação e menor conflito) com os seus pais apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus pais, do que os AE com pior qualidade de relacionamento.

H7b. Os AE com melhor qualidade de relacionamento (maior satisfação e menor conflito) com os seus avós apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós, do que os AE com pior qualidade de relacionamento.

H7c. Os AE apresentarão maior satisfação e menor conflito (melhor qualidade da relação) com as suas mães, por comparação aos seus pais.

H7d. Os AE apresentarão maior satisfação e menor conflito (melhor qualidade da relação) com os seus avós, por comparação aos seus pais.

1.3.8. Diferenças em função dos dados sócio-demográficos

1.3.8.1. Motivo da escolha dos avós

H8a. Os AE que seleccionam os avós devido à proximidade afectiva apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós, do que os AE que os seleccionam por outros motivos (proximidade residencial e/ou por serem os únicos que estão vivos).

1.3.8.2. Diferenças em função do NSE

H8b. Os AE de NSE mais baixo apresentam níveis de solidariedade intergeracional (actual e antecipada) inferior, em relação aos seus pais e avós, por comparação aos AE de NSE mais elevado.

1.3.8.3. Diferenças em função do Estado civil dos pais

H8c. Os AE com pais não casados apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada inferior em relação aos seus pais do que os AE cujos pais são casados.

H8d. Os AE cujos pais são casados apresentam níveis mais elevados na qualidade global da relação (maior satisfação e menor conflito) com o pai e com a mãe, por comparação aos AE cujos pais não são casados.

1.3.8.4. Diferenças em função da situação de residência

H8e. Os AE que residem com os seus pais apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus pais do que os AE que não residem.

H8f. Os AE que residem com os seus avós apresentam níveis de solidariedade intergeracional actual e antecipada superior em relação aos seus avós, do que os AE que não residem.

1.3.9. Relações entre variáveis - Regressões

H9a. Espera-se que as variáveis associadas à qualidade da relação sejam as preditoras mais fortes da solidariedade intergeracional dos adultos emergentes, por comparação com as características individuais intrapsíquicas (satisfação com a vida, altruísmo), das demográficas e das associadas aos valores familiares e das associadas à adultez emergente (auto-estima, narcisismo, dimensões da adultez emergente).

1.4. Variáveis

Neste estudo, a variável dependente é a frequência da solidariedade familiar intergeracional prestada e antecipada pelos AE aos seus pais e aos seus avós,

designadamente, a solidariedade funcional (cf. Introdução teórica). As variáveis independentes foram classificadas em grupos. A tabela 1 resume as variáveis independentes utilizadas no estudo (cf. Anexo B).

1.5. Caracterização da amostra

Os dados deste estudo foram recolhidos junto de uma amostra de 150 AE, de ambos os géneros, com o mesmo nível de escolaridade. A maioria dos sujeitos é do género feminino (140= 93,3% da amostra), solteiros e com o 12º ano de escolaridade. Trata-se de uma amostra de conveniência constituída exclusivamente por estudantes universitários a frequentar o 1.º e 2.º anos do Mestrado Integrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). A idade dos participantes encontra-se entre os 18 e os 28 anos, sendo a média de idades de 19,47 (DP= 1,355), encontrando-se, por conseguinte, todos no período de fase de transição designado de adultez emergente (cf. Introdução teórica).

O NSE foi avaliado a partir das profissões dos pais de acordo com três categorias: nível alto, médio ou baixo. Os AE pertencem na sua maioria ao NSE baixo (39,3%), seguido do NSE médio (32%) e alto (28,7%). A maioria dos jovens ainda reside com os seus pais (72%), os restantes (28%) apresentam outras situações de residência (vive com amigos, sozinho, com namorado/a, outra). 19,3% dos jovens coabitam com os pais e com os avós em simultâneo. Os pais dos AE da nossa amostra são na sua grande maioria casados (80,7%).

1.6. Procedimento de recolha de dados

A participação no estudo foi realizada mediante o princípio do consentimento informado dos participantes, isto é, os participantes foram sempre esclarecidos acerca do carácter voluntário da sua participação, após a apresentação inicial do objectivo e teor geral do estudo e do procedimento de resposta.

A administração dos questionários foi realizada na FPCEUP, na sua maioria de forma colectiva, no decorrer das aulas realizadas na instituição e na presença da investigadora. O tempo de resposta foi variável (entre 20 minutos a 30 minutos). De um modo geral, as questões pareceram claras para a generalidade dos participantes.

1.7. Procedimento de análise dos dados

Após a recolha dos questionários, procedeu-se à sua inclusão numa base de dados construída especialmente para o efeito. O tratamento estatístico dos dados foi efectuado no programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 18.0.

Pretendeu-se a análise da solidariedade intergeracional em função das hipóteses mencionadas: foram realizadas análises de comparação de médias (t de student para amostras independentes e emparelhadas e ANOVA), análises de correlações de Pearson e análise de regressão). Trata-se, assim, de um estudo transversal e correlacional com recurso a uma abordagem quantitativa.

1.8. Instrumentos de medida

1.8.1. Reflexão falada

Os instrumentos de medida foram compilados num protocolo, que posteriormente foi submetido a uma reflexão falada. Foi realizada junto a 7 sujeitos, estudantes do 12º ano de escolaridade e primeiro ano do ensino superior, o que tornou mais provável que a compreensão das instruções e dos itens fosse sinónima da acessibilidade do questionário à generalidade dos alunos.

Antes da resposta aos instrumentos constantes no protocolo, os participantes foram esclarecidos acerca do objectivo daquela actividade. Por esta razão, solicitou-se que todas as dúvidas ou questões fossem colocadas no decurso do preenchimento dos mesmos e, após a sua conclusão, referenciassem todas as características que poderiam ser melhoradas. De uma forma geral, os sujeitos aderiram bem à tarefa, referindo que, apesar do questionário ser extenso, a resposta ao mesmo era fácil e interessante. O tempo médio de resposta estimado foi de trinta minutos. Não foram apresentadas dúvidas e/ou sugestões no decorrer da reflexão falada, por esse motivo não foram efectuadas alterações ao protocolo. Este apresenta-se em anexo (cf. Anexo A).

1.8.2. Propriedades psicométricas dos instrumentos de medida

Os instrumentos de medida foram seleccionados de acordo com a sua relevância para os objectivos definidos para este estudo e, na medida do possível, da sua disponibilidade em termos de adaptação ao contexto nacional. Por uma questão de

uniformização, utilizou-se para todos os instrumentos aplicados, excepto no caso do questionário complementar, do inventário de personalidade narcísica e do index de solidariedade familiar intergeracional, uma escala de resposta de likert 5 pontos, (1= discordo totalmente, 2= discordo em parte, 3= nem concordo nem discordo, 4= concordo em parte, 5= concordo totalmente). Nos pontos que se seguem apresentar-se-ão as características de cada um dos instrumentos originais seleccionados, bem como as suas propriedades psicométricas (o questionário, na sua totalidade, é apresentado em anexo (cf. Anexo A)).

A avaliação das qualidades psicométricas dos instrumentos, utilizados neste estudo, foi efectuada a partir do poder discriminativo dos itens, da consistência interna e da estrutura factorial de cada escala. O poder discriminativo dos itens foi aferido a partir da percentagem de respostas em cada uma das opções, assim como o total de concordâncias e discordâncias. A consistência interna foi determinada para cada uma das escalas completas e no caso dos instrumentos pluri-factoriais para cada uma das subescalas. Para avaliar a estrutura factorial de cada instrumento no presente estudo, recorreu-se à análise factorial exploratória (AFE) em componentes principais.

1.8.2.1. Questionário complementar

O questionário complementar foi construído com o objectivo de recolher informações demográficas que permitissem caracterizar as variáveis independentes: habilitações literárias, profissão, sexo, idade e estado civil do sujeito; estado civil e profissão dos pais (para aferir o NSE); situação residencial e distância geográfica da casa dos pais e avós. Neste grupo, as questões eram maioritariamente abertas. Na situação residencial os sujeitos podiam seleccionar mais do que uma alternativa de resposta (cf. Anexo A). Também incluídas no questionário complementar foram as questões que precediam o preenchimento dos instrumentos relativos aos avós (qualidade da relação e solidariedade intergeracional): o participante era convidado a seleccionar se pretendia responder para os avós em geral, ou para o(s) avô/avó/avós que considera mais relevante(s). Depois de responder a tais questões, teria de seleccionar porque motivo seleccionou o(s) avô/ó/ós em questão (cf. Anexo A).

1.8.2.2. Escala de satisfação com a vida (Satisfaction With Life Scale - SWLS)

Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985, cit. in Neto, 1999) desenvolveram a SWLS com o objectivo de avaliar o bem-estar subjectivo, enquanto processo cognitivo, de julgamento. Trata-se de uma escala de 5 itens que se destina a medir uma avaliação global da própria vida (cf. Introdução). As pontuações obtidas na escala podem ser interpretadas em termos de valor absoluto ou em termos de valores relativos de satisfação com a vida (Pavot & Diener, 1993).

Na revisão efectuada por Pavot e Diener (1993), a análise de componentes principais da SWLS, indicou a existência de um único factor, que explica 66% da variância. Esta solução é semelhante à encontrada por outros autores citados (Pavot & Diener, 1993). A SWLS parece, por conseguinte, medir uma única dimensão. No estudo da consistência e da sensibilidade da escala, esta demonstrou uma forte consistência interna e uma estabilidade temporal moderada. Diener e colaboradores (1985, cit. in Pavot & Diener, 1993) reportaram um coeficiente *alpha* de .87 e um coeficiente de estabilidade teste-reteste (após dois meses) de .82.

Esta escala foi inicialmente adaptada à população portuguesa, com adultos, sobretudo professores (Neto, Barros e Barros, cit. in Neto, 1999). Posteriormente, foi também utilizada com adolescentes (Neto, 1993, 1995, 1997, cit. in Neto, 1999) e jovens adultos (Neto, 1999). A SWLS, na amostra de jovens adultos, demonstrou ter boas propriedades psicométricas, alta consistência interna (*alpha* de Cronbach de .78 para uma escala de resposta de 7 níveis). A análise factorial em componentes principais colocou em destaque um único factor com valor próprio superior a 1, explicando 54,2% da variância, apresentando também alta-fidelidade temporal (Neto, 1999). Num estudo realizado por Coimbra (2008) numa amostra com algumas características semelhantes à deste trabalho, a estrutura unifactorial da escala também foi confirmada, explicando 47,70% da variância. A escala apresentou uma consistência interna de .72.

Na análise que se realizou às propriedades psicométricas da SWLS usada na amostra em estudo, a AFE demonstrou que os itens saturam de forma elevada num único factor (cf. Anexo B, Tabela 2). Confirma-se, deste modo, a estrutura unifactorial da escala, sendo que o único factor existente explica 50,236% da variância. A escala apresentou uma boa consistência interna de .73 (*alpha* de Cronbach). Através da análise da sensibilidade confirmou-se que os itens apresentam bom poder discriminativo, apresentando valores de frequência de resposta inferiores a uma percentagem de 70%.

1.8.2.3. Escala de auto-estima (Rosenberg Self-Esteem Scale - RSES)

A escala de auto-estima global para adultos de Rosenberg, tal como o nome indica, foi desenvolvida por Morris Rosenberg, em 1965. É uma medida unidimensional, constituída por 10 itens que medem a auto-estima global (Faria & Silva, 2000). Cinco itens são de orientação positiva e cinco de orientação negativa.

Santos e Maia (1999, 2003, cit. in Santos, 2008) traduziram e adaptaram a RSES para a população portuguesa, aplicando-a a uma amostra constituída por alunos do ensino secundário. A validação da escala para esta faixa etária demonstrou propriedades psicométricas adequadas. Numa investigação constituída por três estudos, Santos e Maia (2003, cit. in Santos, 2008) começaram por analisar a estrutura factorial da escala recorrendo à análise factorial confirmatória. Concluíram que a RSES avalia, efectivamente, um constructo unidimensional, como sugerido originalmente por Rosenberg (1965, cit. in Santos, 2008). A consistência interna (*alpha* de Cronbach) variou entre .86 e .92, resultados muito satisfatórios. A estabilidade temporal, avaliada com o coeficiente de correlação entre duas aplicações, com um intervalo de duas semanas, foi de .90.

Mais tarde, Santos (2008) analisou as características psicométricas e a validade da RSES com uma amostra de estudantes do ensino superior, obtendo também resultados positivos (*alpha* de Cronbach de .82).

Na análise das propriedades psicométricas da RSES aplicada à amostra deste trabalho, a AFE revelou a existência de dois factores. Esta solução é sugerida por alguns autores e pode ser explicada pela imagem positiva e negativa que o indivíduo possui de si mesmo (Sbicigo, Bandeira & Dell’Aglia, 2010). No entanto, optou-se por seguir a unidimensionalidade sugerida inicialmente por Rosenberg (1965, cit. in Santos, 2008) e pelas validações da escala feitas para a população portuguesa. Forçou-se uma estrutura com apenas um factor (cf. Anexo B, Tabela 3), que explica 43,794% da variância. Os itens da escala revelaram bom poder discriminativo, apresentando valores de frequência de resposta inferiores a 70%. A escala revelou um *alpha* de Cronbach elevado (.85), superior mesmo ao obtido por Santos e Maia (2003, cit. in Santos, 2008).

1.8.2.4. Escala de altruísmo (subescala de simpatia e amabilidade) da NEO PI-R

O Inventário de Personalidade Neo – Revisto (Revised NEO Personality Inventory - NEO PI-R) foi construído por Costa e McCrae. É uma medida exacta das cinco grandes dimensões da personalidade (cinco grandes factores ou Big Five) e dos traços mais

importantes que definem cada uma dessas dimensões. Cada um dos factores é avaliado através de cinco escalas de domínios e trinta escalas de facetas, seis por cada dimensão (Lima & Simões, 2000).

O inventário foi aferido para a população portuguesa. A análise em componentes principais, com rotação varimax, das pontuações obtidas nas 30 facetas e com restrição a cinco factores indica que este número de dimensões explica 55% da variância. Os resultados, embora não muito elevados, são semelhantes aos de Costa, McCrae e Dye (1991, cit. in Lima & Simões, 2000). A consistência interna também apresenta resultados razoáveis. A versão portuguesa mede, assim, as mesmas dimensões de personalidade que a versão original americana (Lima, 1998, 1999, cit. in Lima & Simões, 2000). Parece ser um instrumento possível de se utilizar no estudo e na compreensão de traços culturais específicos da cultura portuguesa (Lima & Simões, 2000).

Neste estudo utilizaram-se os itens do Altruísmo - subescala de *simpatia e amabilidade* da NEO-PI (forma S). Na análise factorial em componentes principais, efectuada com a amostra em estudo, obteve-se inicialmente uma estrutura com dois factores. Repetiu-se a análise e forçou-se uma estrutura com apenas um factor (cf. Anexo B, Tabela 4), por se considerar mais conveniente manter a subsescala idêntica à original e o mesmo ser sugerido pela observação do *screeplot*. A solução unifactorial explica 36,827% da variância. A sub-escala apresentou um *alpha* de Cronbach de .742. Nenhum item contribuiu para a diminuição da consistência interna. Os itens da escala revelaram bom poder discriminativo, apresentando valores de frequência de resposta inferiores a 70%.

1.8.2.5. Inventário de rede de relações (Network of Relationships Inventory – NRI)

Para caracterizar o tipo de relação existente entre os AE e os pais e avós recorreu-se ao instrumento Network of Relationships Inventory (NRI) (Furman & Buhrmester, 1985) derivado a partir do quadro conceptual de Weiss (1985, cit. in Baltazar, Ribeiro & Matos, s/d) relativamente às provisões sociais que cada indivíduo tende a procurar na sua rede de relações.

O NRI é um instrumento que pretende aceder à qualidade das relações de um indivíduo com diferentes membros da sua família e outras pessoas significativas. A escala original possui 15 dimensões, cada uma com três itens (Furman & Buhrmester, 1990, cit.

in Baltazar, Ribeiro & Matos, s/d). Neste estudo, utilizaram-se apenas duas dimensões que procuram aceder às percepções de: (a) satisfação; e (b) conflito.

A análise das propriedades psicométricas realizada por Furman e Buhrmester (1990) demonstrou que os coeficientes de consistência interna (*alpha* de Cronbach) eram, regra geral, todos superiores a .60. Baltazar, Ribeiro e Matos (s/d) aplicaram uma versão de 33 itens do NRI (perspectiva netos-avós) a sujeitos portugueses entre os 13 e os 21 anos. Na análise da consistência interna dos itens de cada dimensão, verificam-se coeficientes que variam entre $\alpha = .62$ e de $\alpha = .88$.

Neste estudo, optou-se por realizar a análise das propriedades psicométricas para cada sujeito significativo: mãe, pai e avós. Os resultados obtidos revelam que a escala apresenta boas propriedades psicométricas. Na análise factorial, o factor de satisfação explica, no caso da mãe, 62,196% da variância e o segundo, de conflito, 22,979%. No caso do pai, o primeiro factor explica 74,560% da variância e o segundo 15,058%. No caso dos avós, o primeiro factor explica 63,116% da variância e o segundo 20,821% (cf. Anexo B, Tabela 5, 6 e 7).

A escala referente à qualidade da relação com a mãe obteve um *alpha* de Cronbach de .861. (.927 para satisfação e .874 para conflito). A escala da qualidade da relação com o pai obteve um *alpha* de Cronbach de .931 (.954 para satisfação e .921 para conflito). Finalmente, na escala referente à qualidade da relação com os avós, o *alpha* de Cronbach foi de .884 (.914 para satisfação e .895 para conflito). Note-se que os itens referentes à qualidade da relação com a mãe, o pai e com os avós revelaram bom poder discriminativo, apresentando valores de frequência de resposta inferiores a 70%, excepção feita para o item 2 no caso da mãe (76,7% na opção de resposta “Concordo totalmente”). A elevada frequência de resposta pode dever-se ao factor de desejabilidade social dos AE.

1.8.2.6. Inventário das dimensões da adultez emergente (Inventory of the Dimensions of Emerging Adulthood - IDEA)

O IDEA é um instrumento desenhado por Arnett, Reifman e Colwell (2007). Pretende medir as diferenças entre os indivíduos na auto-identificação com os processos de adultez emergente. No desenvolvimento do IDEA, os autores criaram itens correspondentes às cinco dimensões da escala (idade de exploração identitária; idade de instabilidade; de muitas possibilidades; idade de se sentir no meio; idade de auto focagem). Desenvolveram uma dimensão adicional, designada por focado no outro ou “other focus”,

embora esta não fizesse parte da conceptualização principal da adultez emergente, que representa um contraponto à auto-focagem (Arnett, Reifman & Colwell, 2007).

No que diz respeito às propriedades psicométricas do IDEA, as análises factorial, exploratória e confirmatória, levada a cabo pelos autores, suportam largamente a proposta conceptualizada de cinco sub-escalas da adultez emergente, para além da outra sub-escala suplementar. No entanto, algumas das escalas exibiram grandes correlações umas com as outras ($r > .7$). A consistência interna (*alpha*) varia entre .70 e .85. As correlações teste re-teste (um mês de intervalo) variaram entre .64 e .76, com excepção da sub-escala “sentir-se entre” (.37) (Arnett, Reifman & Colwell, 2007).

Na análise factorial em componentes principais efectuada neste estudo, a melhor solução encontrada foi uma estrutura de cinco factores, mantendo-se apenas 4 das 6 sub-escalas da escala original: experimentação, exploração de identidade, negatividade e sentir-se no meio (cf. Anexo B, Tabela 8). Estas dimensões apresentaram, de uma forma geral, valores de *alpha* inferiores aos apresentados pelos autores na escala original. A dimensão negatividade/instabilidade apresentou um *alpha* de .71. Removidos os itens 6 e 17 o *alpha* subiu para .77. A dimensão exploração de identidade apresentou um *alpha* de .77. Sem os itens 23 e 25, apresentou um α de .81. A dimensão experimentação com todos os itens apresentou um α de .69. A dimensão sentir-se no meio com todos os itens apresentou um *alpha* de .68. Os itens de todas as dimensões revelaram bom poder discriminativo, apresentando valores de frequência de resposta inferiores a 70%. Optou-se por rejeitar a dimensão focado nos outros, pois apesar de ter mantido todos os itens no mesmo factor aquando a realização da análise factorial, apresentou um valor de α inferior a .60: apresentou um *alpha* de .54.

1.8.2.7. Escala de familismo/individualismo em jovens adultos

Na análise factorial desenvolvida pelas autoras Fontaine e Matias (2003), foram identificadas três dimensões distintas. As duas primeiras introduziram a distinção entre dois aspectos do familismo: o poder e a solidariedade familiar; e a terceira, o individualismo, que parece ser independente das primeiras. O primeiro factor foi identificado como um factor de familismo, relacionado com o poder e coerção familiar. O segundo factor foi identificado como factor de familismo, mas relacionado com a solidariedade e inter-ajuda familiar. O terceiro factor foi identificado como factor de individualismo. Os três factores seleccionados explicam, no seu conjunto, 35,92% da

variância das respostas. Na análise da consistência interna de cada componente factorial, obteve-se para o 1º um *alpha* de .83, para o 2º de .69 e para o 3º de .70. Através da análise factorial de 2ª ordem, os dois factores saturam uma componente, enquanto o terceiro, satura outra: desta forma as duas vertentes do familismo distinguem-se nitidamente do individualismo.

Utilizou-se, no âmbito deste estudo, apenas a escala referente à solidariedade familiar (um dos aspectos do familismo) e ao individualismo, por se considerarem estes os mais relevantes para os objectivos definidos. Na análise factorial em componentes principais desenvolvida neste estudo, o primeiro factor (familismo) explica 24,126% da variância e o segundo (individualismo) 13,540% (cf. Anexo B, Tabela 9). O factor familismo tem uma consistência interna de .78 e o individualismo uma consistência interna de .73. Pode-se referir um bom poder discriminativo dos itens de ambas as dimensões, dado que apresentaram valores de frequência de resposta inferiores a 70%.

1.8.2.8. Inventário de personalidade narcísica (Inventory of narcissistic personality - NPI)

O NPI-16 foi desenvolvido por Ames, Rose e Anderson (2006). É uma versão mais curta por comparação ao NPI-40 de Raskin e Terry (1988, cit. in Ames, Rose & Anderson, 2006) ou em relação à medida de 37 itens de Emmons (1987, cit. in Ames, Rose & Anderson, 2006). O NPI-16 torna-se um instrumento mais útil em ambientes onde a pressão do tempo e a fadiga do entrevistado são as principais preocupações.

Ames, Rose e Anderson (2006), em cinco estudos, demonstraram que o NPI-16 se aproxima bastante do NPI-40 na sua relação com medidas de personalidade e outras variáveis dependentes. Concluíram que o NPI-16 apresenta validade interna, discriminante e preditiva e que pode servir como uma medida alternativa do narcisismo quando as situações não permitem a utilização de inventários mais longos. Num estudo, os autores compararam o subconjunto de 16 itens com a escala total. Administraram o NPI-40 a uma amostra de estudantes universitários e mediram os factores do Big Five personality e a auto-estima (Ames, Rose & Anderson, 2006). O NPI-16 teve o valor de .72 enquanto o NPI-40 obteve o valor de .84. A escala de 16 itens está correlacionada com os restantes 24 itens do NPI-40 com $r=.71$ ($p<.001$).

Na análise das propriedades psicométricas do NPI, realizada neste estudo, a solução unifactorial explica apenas 24,011% da variância. Para além disso, os itens da escala não demonstraram possuir um bom poder discriminativo, registando-se uma maior frequência

de resposta nos itens de resposta não narcísica. Este facto pode ser atribuído à desejabilidade social. No entanto, a consistência interna justifica a utilização da escala: após a eliminação do item 6 e do item 8 (2 itens com saturações factoriais muito baixas (cf. Anexo B, Tabela 10)), obteve-se um *alpha* de .76.

1.8.2.9. Índice da solidariedade familiar intergeracional

O índice de solidariedade familiar intergeracional procura caracterizar as dimensões comportamentais e emocionais da interacção, da coesão, dos sentimentos e do suporte entre pais e filhos, avós e netos, ao longo de relações de longa duração (Bengtson, 2001, cit. in Monteiro, 2010). O conceito de solidariedade que lhe está subjacente é um conceito multidimensional, baseado num modelo desenvolvido por Bengtson e colaboradores (Bengtson & Roberts, 1991, cit. in Monteiro, 2010) (cf. Introdução teórica) que lhe atribuiu inicialmente 6 dimensões, às quais foi adicionada posteriormente uma sétima.

Neste trabalho mediu-se, apenas, a frequência da solidariedade funcional, isto é: a assistência, o apoio dado entre gerações, que inclui os domínios das tarefas domésticas, apoio financeiro, transporte de pessoas ou compras, cuidados em situação de doença, informação ou conselhos, apoio emocional e tomada de decisões importantes. Na sua forma original, o instrumento é constituído por 34 itens. Neste caso, utilizou-se um formato diferente, o índice tem no total 7 itens. A cada item correspondem 4 opções de resposta (nunca, poucas vezes, frequentemente, sempre). Apresentou-se 5 questões relativas à frequência da solidariedade, as diferenças estavam no recipiente da ajuda (pais ou avós) e no momento da prestação (actual ou antecipado), sendo ainda questionada a percepção do AE em relação à ajuda dos pais aos avós (cf. Anexo A). Efectuou-se uma análise da consistência interna para cada uma das questões, obtendo-se valores de *alpha* de Cronbach elevados: AE ajuda os pais actualmente (.78); AE antecipa prestar os pais no futuro (.87); AE ajuda os avós (.84); AE antecipa prestar aos avós no futuro (.89); solidariedade dos pais aos avós (.86).

2. Resultados

2.1. Diferenças em função da fase da vida/projecção para o futuro

Através da realização de um teste t de student para amostras emparelhadas, foi possível confirmar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a

solidariedade que os AE prestam actualmente e a que antecipam prestar no futuro, quer em relação aos pais ($t(149)=16,590; p<.05$) quer aos seus avós ($t(149)=14,858; p<.05$). Os AE antecipam prestar mais ajuda no futuro aos pais ($M=3,4590; DP=.43$) e aos avós ($M=2,8546; DP=.66$) do que aquela que prestam actualmente aos pais ($M=2,9018; DP=.48$) e aos avós ($M=2,3908; DP=.63$), confirmando-se H1a e H1b (cf. Anexo B, Tabela 11).

Adicionalmente, foi ainda possível observar a existência de uma correlação positiva forte entre a solidariedade que os AE prestam aos avós e a que antecipam prestar no futuro ($r=.82; p<.001$) e moderada entre a solidariedade que os AE prestam aos pais e a que antecipam prestar no futuro ($r=.60; p<.001$). Isto significa que apesar das diferenças entre o que é observado actualmente e antecipado para o futuro, existe uma associação entre as práticas actuais e as intenções futuras.

2.2. Diferenças em função do familiar

Realizou um teste t de student para amostras emparelhadas, de modo a observar as diferenças em função do recipiente de ajuda. Verificou-se que tanto na ajuda prestada actualmente ($t(149)=11,453; p<.05$), como na antecipada pelos AE ($t(149)=12,789; p<.05$), existem diferenças estatisticamente significativas entre os pais e os avós. Os AE prestam mais ajuda aos seus pais ($M=2,9018; DP=.48$), do que aos avós ($M=2,3908; DP=.63$) e também antecipam prestar mais ajuda no futuro aos seus pais ($M=3,4590; DP=.43$) por comparação aos avós ($M=2,8546; DP=.66$). Confirma-se, assim, as hipóteses H2a e H2b (cf. Anexo B, Tabela 12).

Foi ainda possível observar que, não obstante as diferenças em função do destinatário, receptor ou recipiente da ajuda dos AE, existe uma correlação moderada entre a ajuda prestada e antecipada a pais e avós e fraca entre a prestada actualmente a um dos destinatários da ajuda e a antecipada para o outro (cf. Anexo B, Tabela 13).

2.3. Solidariedade prestada pelos pais aos avós (transmissão intergeracional da solidariedade)

A solidariedade prestada pelos pais aos avós correlaciona-se positivamente, ainda que de uma forma fraca, com a solidariedade que os AE prestam ($r=.363; p<.01$) e antecipam prestar aos seus pais ($r=.494; p<.01$). A correlação entre a solidariedade que os pais prestam aos avós e a solidariedade que os AE prestam e antecipam prestar no futuro aos seus avós já é um pouco mais elevada (moderada), ($r=.729; p<.01$); ($r=.715; p<.01$),

respectivamente). As hipóteses H3a e H3b foram, deste modo, confirmadas, sugerindo uma transmissão intergeracional da solidariedade (cf. Anexo B, Tabela 13).

2.4. Características psicológicas individuais

Confirmou-se a existência de uma correlação positiva, embora fraca, entre o altruísmo e a solidariedade que os AE prestam aos seus pais ($r=.238$; $p<.01$) e o altruísmo e a solidariedade que antecipam prestar aos seus pais no futuro ($r=.208$; $p<.05$). Também foi encontrada uma correlação positiva fraca entre o altruísmo e a solidariedade que os AE prestam aos avós ($r=.268$; $p<.01$) e a que antecipam prestar aos avós no futuro ($r=.257$; $p<.01$), confirmando-se as hipóteses H4a e H4b (cf. Anexo B, Tabela 13). Relativamente à satisfação com a vida existe, apenas, uma correlação (positiva fraca) em relação à solidariedade que os AE prestam aos pais. Confirmou-se apenas parcialmente a hipótese H4c (cf. Anexo B, Tabela 13).

2.5. Características associadas à geração e/ou período etário

Não foi encontrada nenhuma correlação estatisticamente significativa entre a solidariedade e a identificação com as características da adultez emergente. Também não foi encontrada nenhuma correlação entre a auto-estima e o narcisismo, por um lado, e a solidariedade, por outro. Não são assim confirmadas as hipóteses formuladas (grupo H5) (cf. Anexo B, Tabela 13).

2.6. Valores (familistas e individualistas)

As hipóteses formuladas relativas ao familismo foram confirmadas: apesar das correlações serem fracas, elas são significativas e positivas com a solidariedade prestada ($r=.258$; $p<.01$) e antecipada a pais ($r=.388$; $p<.01$) e a solidariedade prestada ($r=.255$; $p<.01$) e antecipada a avós ($r=.325$; $p<.01$), confirmando-se as hipóteses formuladas (H6c e H6d). Já no que diz respeito ao individualismo, foi possível observar que apenas existe correlação (negativa e fraca) com a solidariedade antecipada em relação aos pais no futuro (cf. Anexo B, Tabela 13).

2.7. Qualidade da relação

Verificou-se que a satisfação com a relação com a mãe está correlacionada positivamente, embora de modo fraco, com a solidariedade quer actual ($r=.398$; $p<.01$) quer futura ($r=.351$; $p<.01$) dos AE aos seus pais. Verificou-se o mesmo em relação à solidariedade actual ($r=.195$; $p<.05$) e futura ($r=.165$; $p<.05$) dos AE em relação aos seus avós. Relativamente à satisfação com a relação com o pai, obteve-se uma correlação fraca positiva com a solidariedade que os AE prestam ($r=.222$; $p<.01$) e antecipam prestar aos seus pais no futuro ($r=.238$; $p<.01$), não apresentando nenhuma relação com a solidariedade que os AE prestam e antecipam prestar aos seus avós (cf. Anexo B, Tabela 13).

Obtiveram-se correlações positivas moderadas entre a satisfação com a relação com os avós e a ajuda que os AE prestam ($r=.557$; $p<.01$) e antecipam prestar aos avós ($r=.623$; $p<.01$). Foi ainda possível observar uma correlação fraca com a ajuda que prestam ($r=.194$; $p<.05$) e antecipam prestar aos pais ($r=.234$; $p<.01$).

O conflito com a mãe apresentou uma correlação fraca positiva, apenas, com a solidariedade que os AE prestam aos seus avós actualmente ($r=.165$; $p<.05$). Contrariamente ao esperado, o conflito com os avós demonstrou estar correlacionado, de forma fraca mas positiva, com a solidariedade que os AE prestam ($r=.236$; $p<.01$) e antecipam prestar no futuro aos seus avós ($r=.279$; $p<.01$). As hipóteses sobre esta dimensão da relação não foram, por conseguinte, confirmadas.

Foi ainda possível observar, a título exploratório e através do teste t de student para amostras emparelhadas, que os AE apresentam relações mais satisfatórias com as suas mães ($M=4,5689$; $DP=.74$; $t(149)=75,070$; $p<.05$) por comparação aos pais ($M=4,1200$; $DP=1,09$; $t(149)=46,101$; $p<.05$) e aos avós ($M=4,2044$; $DP=.88$; $t(149)=58,711$; $p<.05$). Por outro lado, apresentam mais relações conflituais com os seus avós ($M=4,4400$; $DP=.85$; $t(149)=63,655$; $p<.05$) do que com a mãe ($M=3,8444$; $DP=1,09$; $t(149)=43,332$; $p<.05$) e o pai ($M=3,6822$; $DP=1,21$; $t(149)=37,258$; $p<.05$). Curiosamente, é em relação à relação estabelecida com o pai que os adultos emergentes apresentaram valores mais baixos, quer de satisfação com a relação, quer de conflito (cf. Anexo B, Tabela 14 e 15).

2.8. Diferenças em função dos dados sócio-demográficos

2.8.1. Diferenças em função do motivo da escolha dos avós

Procurou-se estudar as diferenças na solidariedade consoante o motivo da escolha dos avós (afecto, proximidade de residência, ambas ou outro). Note-se que, quando os AE emergentes seleccionaram a opção outro motivo, na resposta aberta referiram: “É o único que está vivo(a)”, “São os únicos que estão vivos” ou “Foram os únicos que conheci”. Apenas 12 AE já não tinham nenhum avô vivo. Alguns AE também não sinalizaram nenhuma opção porque não escolheram um avô, respondendo em relação aos 4 avós.

Realizou-se uma one way ANOVA para o teste da hipótese (H8a), seguido do teste *post hoc* LSD. Os resultados do teste de Levene demonstraram que não se violou o pressuposto de homogeneidade da variância. No que se refere à análise comparativa em função do motivo da escolha dos avós, foram encontradas diferenças significativas para a dimensão solidariedade que os AE prestam aos avós ($F(113)=8,960$; $p<.05$) e na solidariedade que os AE antecipam prestar aos avós ($F(113)=8,174$; $p<.05$). A solidariedade prestada actualmente é maior para a opção “ambas” (proximidade afectiva e proximidade de residência) ($M=2,75$; $DP=.64$), por comparação com as opções isoladamente consideradas de proximidade de residência ($M=2,54$; $DP=.48$), de proximidade afectiva ($M=2,44$; $DP=.59$) e outros motivos ($M=2,04$; $DP=.61$). Verificou-se o mesmo para a solidariedade que antecipam prestar no futuro. A solidariedade prestada actualmente é maior para a opção “ambas” ($M=3,20$; $DP=.57$), quando comparada com a proximidade de residência ($M=2,81$; $DP=.51$), proximidade afectiva ($M=2,90$; $DP=.50$) e outros motivos ($M=2,51$; $DP=.79$) (cf. Anexo B, Tabela 16).

2.8.2. Diferenças em função do NSE

Para analisar a existência de diferenças na solidariedade em função do NSE procedeu-se a uma ANOVA a um factor. Dividiu-se o NSE em três grupos (1-baixo, 2-médio e 3-alto). Note-se que o NSE foi aferido a partir das profissões dos pais dos AE. Os resultados do teste de Levene para a homogeneidade da variância revelaram que não se violou o pressuposto de homogeneidade da variância. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função do NSE na solidariedade actual ou antecipada em relação a pais ou avós, infirmando a hipótese elaborada.

2.8.3. Diferenças em função do estado civil dos pais

Dividiu-se o estado civil dos pais em duas categorias (1- casado e 2- outro), para averiguar se existem diferenças nestes grupos quanto à solidariedade prestada pelos AE aos

seus pais e avós e na solidariedade que os pais prestam aos avós. Para tal, procedeu-se a um teste t de student para amostras independentes. Não se verificaram diferenças significativas nos dois grupos, no que se refere à solidariedade (cf. Anexo B, Tabela 17). De salientar, contudo, a discrepância na representatividade do grupo pais casados vs. não casados (N=121 vs. N=29).

Procedeu-se a uma análise semelhante no sentido de averiguar se existem diferenças na qualidade da relação em função do estado civil dos pais. Foram observadas diferenças estatisticamente significativas em função do estado civil dos pais nas variáveis relativas aos pais: satisfação com a mãe ($t(148)=2,156$; $p<.05$) e pai ($t(148)=3,995$; $p<.05$), conflito com a mãe ($t(148)=2,752$; $p<.05$) e pai ($t(148)=2,816$; $p<.05$) e score global de qualidade para a mãe ($t(148)=2,989$; $p<.05$) e pai ($t(148)=3,701$; $p<.05$). Os AE cujos pais são casados reportam maior satisfação ($M=4,65$; $DP=.63$) e conflito ($M=3,96$; $DP=1,06$) tanto com a mãe, como com o pai ($M=4,31$; $DP=.98$) ($M=3,82$; $DP=1,19$), apresentando, no geral, maior qualidade na relação com os progenitores: Mãe ($M=4,31$; $DP=.74$); Pai ($M=4,06$; $DP=.48$) (cf. Anexo B, Tabela 18). Confirmando-se a hipótese H8e.

2.8.4. Diferenças em função da situação de residência

Para avaliar as diferenças em função da situação de residência, dividiu-se a amostra em duas categorias. Na análise da solidariedade que os AE prestam e antecipam prestar aos pais dividiu-se em: 1-Vive com os pais e 2- Não vive com os pais. Para a análise da solidariedade dos AE aos avós e da solidariedade que os pais prestam aos avós também se dividiu a amostra em duas secções (1- Vive com os avós, 2- Não vive com os avós). Quando se refere que os jovens vivem com os avós, está implícito que também vivem com os pais, isto é, as três gerações coabitam na mesma residência. Recorreu-se a um teste t de student para amostras independentes.

Foram observadas diferenças significativas apenas na solidariedade relativamente aos membros mais idosos: solidariedade actual dos AE em relação aos avós ($t(148)=2,087$; $p<.05$), solidariedade antecipada dos AE em relação aos avós ($t(148)=1,445$; $p<.05$) e dos seus pais em relação aos avós ($t(148)=2,885$; $p<.05$). É maior quando os idosos residem na mesma habitação que os seus filhos e netos - solidariedade actual dos AE aos avós ($M=2,61$; $DP=.65$); solidariedade antecipada dos AE aos avós ($M=3,01$; $DP=.60$); solidariedade que os pais prestam aos avós ($M=3,22$; $DP=.51$) - por comparação a outras situações de residência (cf. Anexo B, Tabela 19).

2.8.5. Análise de regressão

Pretendeu-se analisar quais as variáveis que mais predizem a solidariedade. Foram conduzidas 4 análises de regressão para as variáveis dependentes: 1- Solidariedade que os AE prestam aos pais; 2 - Solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais no futuro; 3 - Solidariedade que os AE prestam aos avós; e 4 - Solidariedade que os AE antecipam prestar aos avós no futuro. Introduziram-se as variáveis independentes que se seguem:

Características individuais intra-psíquicas (altruísmo, satisfação com a vida); características associadas à geração e/ou período etário (exploração de identidade, experimentação, instabilidade/negatividade, sentir-se no meio, auto-estima e narcisismo); variáveis associadas à qualidade da relação (satisfação e conflito); variáveis associadas aos valores (individualismo e familismo); características sócio-demográficas (estado civil dos pais, situação de residência do AE, profissão dos pais (NSE)) e a solidariedade que os pais prestam aos avós. Destas variáveis, as não intervalares e/ou dicotómicas foram convertidas em dummy. No caso da solidariedade intergeracional antecipada, aos seus pais e avós, acrescentou-se a ajuda que prestam actualmente. No caso dos avós, acrescentou-se a variável motivo da escolha dos avós.

A regressão múltipla é um teste estatístico que permite prever o comportamento de uma variável (variável dependente) a partir de uma ou mais variáveis relevantes (variáveis independentes), embora não se constitua como prova de uma associação causal directa. A técnica de análise de regressão requer que as variáveis sejam de nível intervalar, caso contrário transforma-se em dummy; que a relação entre elas seja linear; que as variáveis dependentes e os erros tenham uma distribuição normal e que as variáveis explicativas ou preditoras sejam fundamentalmente independentes, isto é assume-se a ausência de multicolinearidade. Para todas as equações de regressão efectuadas usou-se o método “Stepwise”. A aplicação deste método implica que na equação de regressão entram sucessivamente as variáveis com maior poder preditivo numa sequência de maior poder preditivo para menor poder preditivo (Matias, 2007).

2.8.5.1. Solidariedade que os AE prestam aos pais

Na análise das variáveis independentes que mais predizem a solidariedade que os AE prestam aos pais obteve-se um modelo com quatro variáveis explicativas, sendo a variância total explicada de 24% ($R=.491$; $R^2=.241$). Sendo este modelo significativo ($F(133)=10,550$; $p<.001$) .

A primeira variável a entrar na equação de regressão é a variável Solidariedade que os pais prestam aos avós, que explica a maior porção da variância, cerca de 16%. A variável familismo é a que surge a seguir, a variação no coeficiente de determinação com a entrada desta variável é de cerca de 3%. Se se introduzir uma terceira variável, a satisfação com a mãe, a variância sobe cerca de 3%. Se ainda se acrescentar o altruísmo, o coeficiente de determinação aumenta em 2%. Todas apresentam um valor de coeficiente estandardizado (β) positivo. Assim, verifica-se que o aumento da solidariedade prestada pelos pais aos avós, do familismo, da satisfação com a mãe e do altruísmo contribuem para um aumento da solidariedade que os AE prestam aos seus pais (cf. Anexo B, Tabela 20).

A análise das estatísticas de multicolinearidade, permitem verificar que as variáveis explicativas são em grande medida independentes, dado que, por um lado, os valores de tolerância, isto é o grau em que uma variável preditora não é explicada pelas restantes variáveis independentes, é próximo de 1; e, por outro, o valor de VIF (*Variance Inflation Factor*) encontra-se próximo de 1 (VIF= 1,16; 1,22; 1,16 ; 1,15). De acordo com Pestana e Gageiro (2005, cit. in Matias, 2007) o valor de VIF como limite acima do qual existe multicolinearidade é 10. Para além disso, as correlações (r de Pearson) entre as variáveis não apresentam valores superiores a .70 (cf. Anexo B, Tabela 13).

2.8.5.2. Solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais, no futuro

A análise de regressão para a solidariedade antecipada em relação aos pais também sugeriu um modelo com quatro variáveis explicativas. Verificou-se que a solidariedade que os AE antecipam prestar aos seus pais no futuro é predita pelo familismo, pela satisfação com a relação com a mãe, pela solidariedade que os AE prestam aos pais actualmente e pela solidariedade que os pais prestam aos avós. Em conjunto, estes quatro preditores explicam cerca de 54% da variância ($R=.732$; $R^2=.536$), sendo este modelo significativo ($F(133)=38,439$; $p<.001$).

Verifica-se que a variável independente com maior efeito preditor é a solidariedade que os AE prestam actualmente aos seus pais explicando 25%, segue-se o familismo que explica 17%, a satisfação com a relação com a mãe explicando 7% e a solidariedade que os pais prestam aos avós, a explicar 5%. Todas apresentam um valor de coeficiente estandardizado (β) positivo (cf. Anexo B, Tabela 21). Tal significa que o aumento destas variáveis contribuirá para um aumento da solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais.

As estatísticas de multicolinearidade permitem verificar que as variáveis explicativas são independentes umas das outras. Os valores de tolerância e de VIF e a correlação entre variáveis estão dentro dos limites considerados aceitáveis (cf. Anexo B, Tabela 13). Note-se que, embora a variável solidariedade que os AE prestam actualmente seja muito próxima da variável dependente, estas são independentes uma da outra (correlação de .595), por isso decidiu-se mantê-la como preditora. Considera-se interessante o facto de ajuda futura ser de alguma forma predita pela ajuda que os AE prestam neste momento.

2.8.5.3. Solidariedade que os AE prestam aos avós

Na análise das variáveis independentes que mais predizem a solidariedade que os AE prestam aos avós obteve-se um modelo com três variáveis explicativas, sendo a variância total explicada de cerca de 63% ($R=.796$; $R^2=.634$). Sendo este modelo significativo ($F(107)=61,772$; $p<.001$).

Verifica-se assim, que a Solidariedade que os AE prestam aos avós é predita pela satisfação com a relação com os avós, pela solidariedade que os pais prestam aos avós e pelo grau de altruísmo do AE, que explicam respectivamente, cerca de 12%, 30% e 21% da variância. O modelo dos pais, a ajuda que prestam aos avós, é, por conseguinte, o maior preditor para a solidariedade que os AE prestam aos seus avós. Todas as variáveis independentes apresentaram um valor de coeficiente estandardizado (β) positivo (cf. Anexo B, Tabela 22).

As estatísticas de multicolinearidade permitiram verificar, mais uma vez, que as variáveis explicativas são independentes umas das outras (satisfação com os avós ($r=.557$; $p<.001$); altruísmo ($r=.268$; $p<.001$)), excepto para a variável solidariedade que os pais prestam aos avós ($r=.729$; $p<.001$). Optou-se por manter esta variável em primeiro lugar porque o valor apresenta-se no limiar dos .70 e em segundo por ter respeitado as restantes estatísticas de multicolinearidade (Tolerância=.762; VIF=1,312). As restantes variáveis também apresentaram valores aceitáveis de tolerância e VIF. Foi ainda realizada uma análise de regressão para a solidariedade que os AE antecipam prestar aos avós, no futuro. Os resultados foram bastante idênticos aos anteriormente apresentados para a ajuda actual dos AE aos avós (cf. Anexo B, Tabela 23).

3. Discussão dos resultados

Um primeiro resultado digno de nota é aquele que sugere que os AE prestam mais ajuda e antecipam prestar mais ajuda no futuro aos seus pais do que aos avós. As diferenças encontradas podem dever-se à percepção que os AE têm relativamente ao apoio que recebem, respectivamente dos pais e dos avós, sugerindo, por conseguinte, que a solidariedade é mais motivada pela reciprocidade do que pela necessidade do recipiente. Segundo Attias-Donfut (1998, cit. in Fernandes, 2001), quando a entreajuda intergeracional é motivada pelo laço de reciprocidade, as ajudas representam o pagamento de uma dívida resultante de uma dádiva recebida anteriormente. Se os AE ainda vivem a cargo dos pais, como relata a literatura relativamente a esta faixa etária e como demonstrado pelas características da nossa amostra (e efectivamente o apoio que os pais dão ao AE é maior, do que o apoio prestado pelos avós aos AE), o apoio que prestam e antecipam prestar no futuro aos pais, será maior do que aquele que prestam e pretendem dar aos avós, no futuro, com base na dívida que têm para com estes. No entanto, este estudo não avaliou a percepção dos AE acerca da ajuda que recebem dos pais ou avós. Portanto, só se poderia responder cabalmente a esta questão mediante essa averiguação. Outros motivos poderão explicar estes resultados. Os valores mais reduzidos na solidariedade futura aos avós podem estar associados à percepção dos AE sobre a probabilidade de atingirem uma estabilidade profissional e pessoal a tempo de darem essa ajuda aos avós (que ainda estejam vivos).

Para além desse possível motivo, como foi referido na revisão da literatura, a família nuclear tende a ser a privilegiada nas trocas de ajuda (Fernandes, 2001). Verifica-se que apenas um número reduzido de participantes da amostra vive com os avós (por comparação aos número de AE que vivem com os pais) e como se verá adiante a situação de residência é um factor que pode facilitar a prestação de apoio. De facto, na análise da situação de residência, foram observadas diferenças significativas apenas na solidariedade relativamente aos membros mais idosos: solidariedade dos AE em relação aos avós e dos seus pais em relação aos avós; é maior quando os idosos residem na mesma habitação que os seus filhos e netos. Pode-se aqui estabelecer uma relação com os resultados que sugerem uma transmissão intergeracional de solidariedade: o modelo de solidariedade fornecido pelos pais (a solidariedade em relação aos avós) correlaciona-se com a frequência da solidariedade (actual e antecipada) que os AE prestam quer aos pais quer aos seus avós. Estes resultados corroboram resultados anteriores sugestivos do forte poder de

mediação dos pais na relação estabelecida entre avós e netos: as trocas intergeracionais entre netos e avós, parecem depender do envolvimento e das atitudes que os pais apresentam face aos avós e que são transmitidos aos netos (Baltazar, Ribeiro & Matos, s/d). Talvez, a co-residência das três gerações promova a observação do modelo de solidariedade dos pais em relação aos avós. Para além disso, a distância geográfica por si só pode ser um obstáculo à solidariedade, limitando as oportunidades de contacto entre as gerações: é muitas vezes apontado como o factor que mais influencia a frequência de contacto entre avós e netos (Swartz, 2009).

Note-se também que a solidariedade dos AE é maior quando seleccionam a opção “ambas” (proximidade afectiva e proximidade de residência) para a escolha de um avô, por comparação com as opções proximidade de residência, proximidade afectiva e outros motivos. Este resultado corrobora, por um lado, a importância da proximidade geográfica como facilitador da prestação de cuidados e/ou como facilitador da transmissão intergeracional da solidariedade. Por outro lado, chama a atenção para o facto da proximidade afectiva não poder ser negligenciada, até porque também foi observada uma correlação positiva entre a satisfação com a relação com os avós e a solidariedade que os AE prestam e antecipam prestar aos avós. A superioridade das relações conflituosas dos AE com os seus avós (por comparação com mãe e pai) é um resultado inesperado. Regra geral, a relação entre avós e netos caracteriza-se pela ausência de conflitos e por uma espécie de “acordos silenciosos” sobre assuntos polémicos que os pais, enquanto principais responsáveis pela educação dos filhos, não podem nem devem contornar (Pires, 2010). Este resultado imprevisível pode dever-se a uma maior distância de valores entre gerações mais contrastadas, merecendo esclarecimento adicional em estudos futuros.

A satisfação com a relação demonstrou, aliás, também ser um factor da máxima relevância na solidariedade intergeracional, sugerindo-se uma transmissão matrilateral da solidariedade. É curioso verificar que a satisfação na relação com a mãe está associada à solidariedade intergeracional dos AE quer em relação aos pais, quer aos avós (actual e futura). A satisfação com o pai parece estar menos associada ao apoio prestado, apresentando uma correlação só com a ajuda actual aos pais. Foi ainda possível observar, a título exploratório, que os AE apresentam relações mais satisfatórias com as suas mães e mais relações conflituais com os seus avós, sendo em relação à relação estabelecida com o pai que os AE apresentaram valores mais baixos, quer de satisfação com a relação, quer de conflito. Estes resultados podem ser indicadores de que as mães assumem um papel mais relevante no núcleo familiar e nas relações estabelecidas entre os diferentes elementos.

Pelo menos, nas famílias italianas (sociedade tendencialmente mais familista e com características semelhantes à da portuguesa), estudos indicam que as mães tendem a dominar o campo familiar, sendo muitas vezes difícil reconhecer a importância do papel desempenhado pelo pai. Existe uma espécie de desequilíbrio relacional, que se reflecte em situações onde a mãe é, muitas vezes, o centro da rede de comunicação e de intercâmbios, intervindo de forma mais decisiva nas questões quotidianas e sendo também com maior facilidade mais confidentes com os filhos, partilhando medos e esperanças com eles (Caprara, Scabini & Sgritta, 2003). Se as mães realmente tiverem um papel mais preponderante na relação com os filhos, é de esperar que estes estejam mais satisfeitos com elas. Para além disso, se a mãe funciona como elemento facilitador de intercâmbio entre todos os familiares, é de esperar que a qualidade do relacionamento estabelecido com ela seja mais infusional, influenciando o relacionamento que o sujeito estabelece com os demais membros da família. O facto da solidariedade intergeracional ser muito feminizada, tanto ao nível dos emissores (cuidadores), como ao nível dos recipientes (cuidados) pode ajudar a esclarecer estes resultados e merece reflexão futura.

O estado civil dos pais não parece influenciar a solidariedade intergeracional dos AE, mas parece produzir impacto na qualidade global da relação. Os AE cujos pais são casados reportam, simultaneamente, maior satisfação e conflito tanto com a mãe, como com o pai, apresentando, no geral, maior qualidade na relação com os progenitores, do que aqueles cujos pais não são casados. Um primeiro aspecto a ressaltar prende-se com o facto de satisfação e conflito não parecerem ser extremos opostos de um continuum: os filhos de pais casados, provavelmente com relações mais próximas com ambos os progenitores, potenciam a intensidade da relação com estes, tanto em termos de satisfação como de conflito. Sabe-se que as mudanças na estrutura familiar, devido ao divórcio e a novas conjugalidades, levam a uma remodelação no acesso aos membros da família e consequentemente a uma modificação mais sistémica no funcionamento das relações intergeracionais. Assim, os pais divorciados, particularmente os pais, apresentam laços mais fracos com os seus filhos que se manifesta na distância geográfica e emocional (Cooney & Uhlenberg, 1990; Furstenberg, 1998, cit. in Lawton, Silverstein & Bengtson, 1994). De sublinhar, contudo, a notável discrepância na representatividade da amostra para ambas as situações de estado civil parental.

Constatou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas quando se compara a solidariedade em função dos diferentes níveis socioeconómicos. Talvez estes resultados se devam ao facto de a solidariedade neste estudo não se operacionalizar,

contrariamente à tendência habitual, apenas, sob a forma de ajuda financeira. Foram medidos outros aspectos de ajuda mais prática: como apoio em situação de doença, tarefas domésticas, apoio emocional, apoio na tomada de decisões importantes, informação e conselhos, transportes e compras. Alguns destes comportamentos parecem não depender tanto do poder económico da família.

Dentro das variáveis individuais intrapsíquicas analisadas, apenas se encontrou uma correlação positiva entre o altruísmo e a solidariedade (actual e antecipada) dos AE em relação aos seus pais e avós. A satisfação com a vida apenas se correlaciona com a ajuda que os AE prestam actualmente aos pais. Os resultados relativos ao altruísmo eram esperados. Se o altruísmo é um comportamento voluntário, deliberado que beneficia o outro e que não é motivado pela expectativa de recompensas externas ou para evitar punições produzidas externamente (Chou, 1998, cit. in Seefeldt, 2008) será de esperar que os AE mais altruístas sejam também mais solidários, isto é, apresentem com maior frequência os seguintes comportamentos: apoio em tarefas domésticas, transportes e compras, informação e conselhos, apoio emocional, apoio financeiro, tomada de decisões importantes, em situação de doença. O altruísmo, a atenção às necessidades de quem se ajuda, constitui-se, aliás, como um dos mais importantes motivadores de solidariedade. No que concerne à satisfação com a vida, a literatura indica de uma forma geral que uma influência a outra podendo o sentido ser bidireccional (Rein, 1994), e que ser-se recipiente ou dador da ajuda incrementa a satisfação com a vida, principalmente no segundo caso.

Surpreendentemente, não se encontrou nenhuma relação existente entre as características associadas à geração ou período etário. Estes resultados contrariaram as expectativas deste trabalho. De alguma forma, esperava-se que quanto maior fosse a identificação do AE com as características da adultez emergente e com as características associadas à geração eu (narcisismo e auto-estima) menor fosse a solidariedade. Por outro lado, estes resultados podem ter uma leitura bastante favorável. A literatura refere que os jovens que se encontram nesta geração e/ou período são mais auto-focados, com menor disponibilidade para o outro, mais egoístas, narcisistas e com maior auto-estima, do que qualquer outra geração (Arnett, 2007; Twenge, 2006). Pelo menos neste estudo, essas características não parecem comprometer a solidariedade intergeracional dos AE, corroborando a hipótese de que a auto-focagem não é sinónima nem de egoísmo, nem de “mimo” e que as mudanças demográficas não anulam mas apenas potencialmente transformam as trocas de apoio intrafamiliares e, por vezes, podem adiá-las para uma altura em que as condições dos cuidadores e recipientes de cuidado o justifiquem.

Efectivamente, os AE antecipam prestar mais ajuda no futuro, tanto aos seus pais como aos seus avós, do que aquela que prestam actualmente. Estes resultados podem ser interpretados tendo em consideração a fase em que os participantes se encontram. Estes participantes pertencem à chamada *adulthood emergent*, período etário que possui características distintivas, entre as quais a manutenção de uma situação de dependência parental e de moratória. Provavelmente, os AE perspectivam ter mais condições para prestar apoio aos seus pais e avós, quando atingirem a *adulthood*. Para além disso, também pode coincidir com uma altura em que as necessidades dos pais sejam mais elevadas. No entanto, a solidariedade antecipada está sempre a referir-se a uma ajuda futura, não concreta, meramente intencional e que pode depender de muitos factores externos não controláveis pelo adulto emergente. As respostas dos AE podem, por conseguinte, ser mais permeáveis à desejabilidade social e reflectir mais um desejo do que gostariam de fazer no futuro do que um plano verosímil. Se a intenção antecipada de apoio se concretiza ou não terá que ser averiguada em estudos futuros de natureza longitudinal.

Note-se, no entanto, que a maior parte dos estudos realizados sobre esta geração e/ou fase etária dedicaram-se à população norte-americana, que é tendencialmente mais individualista que a portuguesa. A sociedade portuguesa identifica-se mais com os valores familiares (*familismo*), o que pode de alguma forma reduzir a influência das características típicas da faixa etária estudada na solidariedade intergeracional. Até porque, as identidades juvenis não estão apenas associadas às trajetórias individuais, mas também às trajetórias que estão socialmente, estruturalmente e historicamente determinadas (Pais, 1993, cit. in Nico, 2010). Observou-se, de facto, tal como era esperado, que quanto maior for a identificação dos jovens adultos com os valores familiares, maior será a solidariedade intergeracional actual e futura destes em relação aos seus pais e avós.

Observou-se que os principais preditores da solidariedade intergeracional (actual e antecipada) dos AE aos seus pais e aos seus avós estão associados à qualidade da relação, aos valores (*familistas*), ao grau de *altruismo* do AE e à solidariedade que estes observam os pais darem aos seus próprios pais (os avós). Parece haver uma maior influência das variáveis associadas a dimensões psicológicas intrapsíquicas ou da personalidade que se orientam para o cuidado com o outro (*altruismo*), aos valores e à qualidade da relação da família (*familismo* e satisfação na relação) e dos modelos de solidariedade que os AE observam. Características individuais como as sociodemográficas, a satisfação com a vida, ou as típicas da geração e/ou período etário não predizem a solidariedade.

A literatura sobre os diferentes motivos para a ajuda intergeracional também refere o altruísmo, as normas de obrigação para com a família e a existência de laços emocionais como alguns dos principais motivos para a prestação de apoio (Izuhara, 2010). Silverstein e colaboradores (1996, cit. in Bengtson, 1996) analisaram as relações entre as dimensões da solidariedade funcional e os motivos que levavam os filhos (de meia idade) a prestar essa solidariedade aos seus pais idosos. Verificaram que a predisposição dos filhos adultos homens para fornecerem apoio aos pais relacionava-se mais com os princípios e normas de obrigação, familismo e expectativas de receber dinheiro em troca. As filhas parecem ser motivadas pelas percepções de proximidade afectiva e pelo altruísmo. Embora o estudo citado tenha-se focado mais nas diferenças de género, também vai ao encontro dos resultados encontrados neste estudo. Parece que variáveis associadas ao familismo, proximidade afectiva e o altruísmo têm algum efeito na solidariedade que os filhos prestam aos pais.

Apesar de se ter apresentado alguns resultados interessantes o estudo apresenta, contudo, limitações. Uma delas tem a ver com o facto de se ter avaliado a solidariedade intergeracional (actual e antecipada), em simultâneo, para ambos os pais e em certos casos para ambos os avós. Teria sido interessante analisar até que ponto a solidariedade pode divergir consoante o recipiente da ajuda (pai ou mãe e avô ou avó). Desta forma, ter-se-ia analisado as diferenças em função do género do recipiente da ajuda. Outra provável limitação é o facto de a amostra não ser representativa em termos de género. A amostra é maioritariamente feminina. Caso contrário, também teria sido digno de atenção estudar as diferenças de género do AE que presta a solidariedade intergeracional (o prestador da ajuda ou cuidador). A avaliação da solidariedade recebida permitiria também perceber melhor a possível dinâmica de “banco de solidariedade” subjacente à reciprocidades nas trocas intergeracionais.

Na continuação do estudo realizado, seria interessante analisar se a perspectiva dos AE quanto à solidariedade intergeracional que prestam é confirmada pela perspectiva dos recipientes da ajuda, os pais e os avós. Também seria curioso, efectuar um estudo longitudinal que procurasse verificar se a ajuda que estes jovens adultos antecipam prestar no futuro se concretizará, na mesma frequência e intensidade com que a planeiam ou antecipam.

De notar, também, que por se tratar de uma amostra de conveniência, a amostra deveria ser mais representativa em termos da situação de residência dos AE e do estado civil dos pais. A amostra apresentou um número reduzido de sujeitos a residirem,

simultaneamente, com os pais e com os avós e de sujeitos que já não residem com os pais. No que diz respeito ao estado civil dos pais, a amostra era maioritariamente casada. Deve-se também referir o facto de não se ter utilizado todas as dimensões do inventário das dimensões da adultez emergente, nomeadamente as dimensões focado nos outros e auto-focagem, dado que não apresentavam propriedades psicométricas satisfatórias. Não se sabe, desta forma, se seriam encontradas relações entre essas dimensões da adultez emergente e a solidariedade. Outra das limitações está relacionada com o facto de não se terem introduzido outras variáveis potencialmente predictoras da solidariedade, nomeadamente a maturidade filial. Também é importante salientar a eventual presença de alguma desejabilidade social nas respostas ao questionário utilizado.

No entanto, acredita-se que este estudo pode ter dado um importante contributo por pretender estudar as trocas da 1ª para a 2ª geração e da 1ª para a 3ª geração numa faixa etária/geração normalmente não estudada nesta problemática. Dadas as condições económicas e mesmo políticas que Portugal atravessa na actualidade, o aumento das taxas de desemprego, aumento da esperança média de vida, os cortes nos salários e nas reformas, a maior exigência e, por outro lado, a maior instabilidade na entrada no mercado de trabalho, tudo indica uma maior probabilidade de os AE e os mais idosos terem de recorrer à geração do meio ou sanduíche. Portanto, para além do interesse fulcral no estudo da relação da solidariedade familiar intergeracional com variáveis psicológicas, este estudo foi fundamental para ver a influência de variáveis sócio-demográficas e das características da amostra em estudo na solidariedade familiar intergeracional. Espera-se que este estudo possa alargar o conhecimento sobre a solidariedade familiar intergeracional dos AE às gerações seguintes. Este apoio é entendido como de máxima relevância para a diminuição da sobrecarga da segunda geração e, em última análise, para a salvaguarda do bem-estar e da coesão familiar e mesmo social, numa altura em que o fracasso do estado de providência parece ser evidente. Em termos de contribuições práticas para os profissionais da psicologia e sociologia, espera-se que este estudo ajude também a esclarecer a importância de se desenvolverem intervenções que visem a família como um campo sistémico em constante modificação. Conhecer as suas necessidades, os motivos das trocas intergeracionais, ajudará certamente no desenvolvimento de intervenções mais eficazes que visem a promoção de interações familiares fortes e coesas.

Deixa-se saliente a necessidade de se desenvolverem mais estudos em Portugal sobre a perspectiva quer dos filhos, quer dos netos em relação às gerações mais velhas.

Verifica-se uma grande escassez deste tipo de estudo no que diz respeito à solidariedade intergeracional, em específico em relação a esta faixa etária.

CONCLUSÕES

As mudanças sóciodemográficas levaram a um adiamento na entrada da vida adulta, podendo-se falar agora de um novo período etário, situado entre os 18 e os 30 anos, a adultez emergente. Este período etário caracteriza-se por uma maior instabilidade e de uma forma geral por ser uma fase em que o jovem adulto está mais focado em si próprio. A par disso, a literatura refere-se aos jovens nascidos nas décadas de 70, 80 e 90 como mais individualistas, narcisistas, mais defensores dos seus direitos e com valores mais elevados de auto-estima. Os jovens adultos desta geração e/ou período etário apresentam características que tendencial e teoricamente levariam a níveis mais baixos de solidariedade familiar intergeracional. Além disto, a sociedade tem sofrido diversas alterações nos últimos tempos (ex. aumento do divórcio e das famílias monoparentais, aumento da esperança de vida). Sabe-se que a família é sensível às mudanças sóciodemográficas. Por isso, procurou-se estudar a influência de algumas variáveis psicológicas e sóciodemográficas na solidariedade familiar intergeracional (actual e antecipada) dos AE aos seus pais e avós.

De uma forma geral, pode-se afirmar que os objectivos propostos inicialmente foram atingidos, embora não se tenham confirmado todas as hipóteses.

Verificou-se que a satisfação na relação, o altruísmo, o familismo e o modelo de solidariedade dos pais além de apresentarem correlações positivas com a solidariedade, demonstraram ser os principais preditores da solidariedade familiar intergeracional. Assim, parece que as características psicológicas que remetem para a família (familismo e satisfação na relação) e as características psicológicas de maior preocupação com o outro, como o altruísmo, assim como a observação dos comportamentos de modelos (pais em relação aos avós) têm um maior poder preditivo na solidariedade.

Portanto, embora seja por vezes defendido que os laços familiares têm enfraquecido em função das mudanças na sociedade actual, os resultados obtidos sugerem que as relações intergeracionais podem até tornar-se mais importantes, nem que seja decorrente de uma convivência mais prolongada entre as diferentes gerações e da providência familiar poder auxiliar ou por vezes substituir o estado de providência. As famílias têm hoje mais probabilidades de abarcar várias gerações, em resultado do aumento da esperança de vida,

da descida dos índices de natalidade e consequente envelhecimento da sociedade (Carneiro, 2004, cit. in Pires, 2010). Os indivíduos envelhecem tendo na família mais ligações verticais do que horizontais e passam mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que antes (Harper, 2006, cit. in Pires, 2010). Estas mudanças podem e devem ser contempladas e rentabilizadas em programas de intervenção que leiam a realidade de cada família como da sociedade em geral não à luz da competição, mas à luz da solidariedade de recursos entre gerações.

Referências Bibliográficas

- Ames, D. R., Rose, P., & Anderson, C. P. (2006). The NPI-16 as a short measure of narcissism. *Journal of Research in Personality*, 40, 440–450.
- António, S. (2010). *Avós e Netos: Relações Intergeracionais. A Matriliniaridade dos Afectos*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Antunes, M. C. (2006). *Evolução diferencial da auto-estima e do autoconceito académico na adolescência: Análise do efeito de variáveis sócio-cognitivas e relação com o rendimento escolar num estudo longitudinal sequencial do 7º ao 12º ano*. (Tese de Doutoramento). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Arnett, J. J. (2005). The Developmental Context of Substance Use in Emerging Adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35 (2), 235-253.
- Arnett, J. J. (2007). Suffering, Selfish, Slackers? Myths and reality about emerging adults. *Journal of Youth and Adolescence*, 36 (1), 23-29
- Arnett, J. J., & Tanner, J. L. (2006). *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*. Washington: American Psychological Association.
- Arnett, J. J., Colwell, M. J., & Reifman, A. (2007). Emerging Adulthood: Theory, Assessment and Application. *Journal of youth development: bridging research and practice*, 2 (1), 40-50.
- Baltazar, Ribeiro & Matos (s/d). Percepções dos netos acerca das relações com os avós. (manuscrito).
- Blascovich, J. & Tomaka, J. (1991). Measures of Self-Esteem. In Robinson, J., Wrightsman, L., & Shaver, P. (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (vol. 1, pp. 115-131). California: Academic Press.
- Bengtson, V. L. (1996). *Adulthood and Aging: Research on continuities and discontinuities*. New York: Springer Publishing Company.
- Bengtson, V. L., & Roberts, R. E. L. (1991). Intergenerational solidarity in aging families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the family*, 53 (4), 856-870.
- Campbell, W. K., & Buffardi, L. E. (2008). The lure of the noisy ego: Narcissism as a social trap. In Wayment, H. A., & Bauer, J. J. (Eds.), *Transcending self-interest: Psychological explorations of the quiet ego* (pp. 23-32). Washington: American Psychological Association.
- Caprara, G., Scabini, E., & Sgritta, G. (2003). The Long Transition to Adulthood: An Italian View. In Pajares, F., & Urdan, T. (Eds.), *International perspectives on adolescence* (pp.71-99). Greenwich: Age Publishing.
- Coimbra, S. (2008). *Estudo diferencial de auto-eficácia e resiliência na antecipação da vida adulta*. (Tese de Doutoramento). Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

- Côté, J. (2006). Emerging adulthood as an institutionalized moratorium: risks and benefits to identity formation. In Arnett, J. J. & L. Tanner (Eds), *Emerging adulthood in America: Coming of age in the 21st Century*. Washington: American Psychological Association.
- Cunha, B. M. (2008). *Relações intergeracionais. Significados da relação netos-avós e crenças acerca dos idosos: a perspectiva dos adolescentes*. (Tese de Mestrado Integrado). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Dicionário da Língua Portuguesa (2004). Porto: Porto Editora.
- Ebrahim, S. (2001). Adopção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional (trabalho derivado da dissertação de mestrado da autora). *Psicologia: Reflexão e Crítica [online]*, 14 (1), 73-80. Página Web acedida a 18 de Dezembro de 2009, em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722001000100006&script=sci_abstract&tlng=pt
- Faria, L., & Silva, S. (2000). Efeitos do exercício físico na promoção do auto-conceito. *Psychologica*, 25, 25-43.
- Fernandes, A. A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia [online]*, 36, 39-52. Página Web acedida a 2 de Fevereiro de 2010, em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292001000200003&script=sci_arttext
- Fontaine, A. M., & Matias, M. (2003). Familismo/Individualismo em jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos exploratórios. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*, 10 (8), 2348-2362.
- Freitas, C. (2008). *Efeitos de um programa de hidroginástica na aptidão física, na coordenação motora, na auto-estima e na satisfação com a vida, em idosos utentes de centros de dia*. (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Gilman, R. (2001). The Relationship Between Life Satisfaction, Social Interest, and Frequency of Extracurricular Activities Among Adolescent Students. *Journal of Youth and Adolescence*, 30 (6), 749-764.
- Gouveia, L. (2003). *Auto-estima em alunos com dificuldades de aprendizagem*. (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Gouveia, L. & Simões, L. (2008). Geração Net, Web 2.0 e Ensino superior. In Freitas, E., & Tuna, S. (Orgs.), *Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de comunicar. Edição especial Cadernos de Estudos mediáticos*, 6. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa (pp, 21-32). Página Web acedida a 1 de Dezembro de 2009, em: http://www2.ufp.pt/~lmbg/com/ls_cem6_09.pdf
- Heller, D., Ilies, R., Watson, D. (2004). The Role of Person Versus Situation in Life Satisfaction: A Critical Examination. *Psychological Bulletin*, 130 (4), 574-600.
- Izuhara, M. (2010). *Ageing and Intergenerational relations: Family reciprocity from a global perspective*. Portland: The Policy Press.

- Kwan, V.S.Y., Bond, M. H. Singelis, T. M. (1997). Pancultural Explanations for life Satisfaction: Adding Relationship Harmony to Self-Esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73 (5), 1038-1051.
- Lawton, L., Silverstein, M., & Bengtson, V. (1994). Affection, Social Contact and Geographic distance between Adult children and their parents. *Journal of Marriage and the family*, 56 (1), 57-68.
- Lennartsson, C., Silverstein, M. & Fritzell, J. (2010). Time-for-money exchanges between older and younger generations in Swedish families, *Journal of Family Issues*, 31(2) 189-210.
- Lima, M., & Simões, A. (2000). (Cap. 1). Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R). Lisboa: CEGOC-TEA.
- Lourenço, O. M. (1988). *Altruísmo: Generosidade ou Competência Sócio-cognitiva? Contributo para a compreensão do paradoxo altruísta*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação.
- Lowenstein, A. (2007). Solidarity-Conflict and Ambivalence: Testing two conceptual frameworks and their impact on quality of life for older family members. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 62 (2), 100-107.
- Lowenstein, A., Katz, R., & Gur-Yaish, N. (2007). Reciprocity in Parent–Child Exchange and Life Satisfaction among the Elderly: A Cross-National Perspective. *Journal of Social Issues*, 63 (4), 865-883.
- Lyubomirsky, S. (2001). Why are some people happier than others? The Role of cognitive and motivational processes in well-being. *American Psychologist*, 56 (3), 239-249.
- Matias, M. (2007). *Vida profissional e familiar: Padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis*. (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Mendonça, M. P. (2007). *Processo de transição e percepção de adultez: análise diferencial dos marcadores identitários em jovens estudantes e trabalhadores*. (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Merz, E.-M., H.-J. Schulze & C. Schuengel (2010), Consequences of filial support for two generations: a narrative and quantitative review. *Journal of Family Issues*, 31 (11), 1530-1554.
- Monteiro, S., Pereira, A. & Tavares, J. (2009). Adultez emergente: na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @mbienteeducação [online]*, 2 (1), pp. 129-137. Página Web acedida a 18 de Dezembro de 2009, em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_2_1/14-Rev_v2,n1_Monteiro,Tavares,Pereira.pdf
- Monteiro, I. (2010). *Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar-psicológico: estudo intergeracional sobre a relação de apoio entre filhas adultas e suas mães*. (Dissertação de mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

- Neto, F. (1999). Satisfação com a vida e características de personalidade. *Psychologica*, 22, 55-70.
- Nico, M. (2010). Individualized Housing Careers in Early Adulthooh: Conditions and Contraints in a Familistic Society. *Social Research [online]*, 15 (6). Página Web acedida a 12 de Maio de 2011, em: <http://www.socresonline.org.uk/15/1/6.html>
- Nunes, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. (Dissertação de mestrado). Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Oliveira, J. E. (2008). *A auto-eficácia como capital de identidade na transição para adultez*. (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Omay, U. (2009). *The manipulation of the generation: the genme*. Istambul: Faculdade de Economia. Página Web acedida a 1 de Dezembro de 2009, em: <http://idc.sdu.edu.tr/tammetinler/demokrasi/demokrasi39.pdf>
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction With Life Scale. *Psychological Assessment*, 5 (2), 164-172.
- Pires, M. F. (2010). *Presença e papel dos avós: Estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação). Aveiro: Departamento de Educação da Universidade de Aveiro. Página Web acedida a 12 de Maio de 2011, em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3601/1/4537.pdf>
- Queirós, I. M. (2005). *Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a auto-avaliação global dos netos*. (Tese de mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Rein, M. (1994). Solidarity between generations: A five-Country Study of the Social Process of Aging. *International Institute for Applied Systems Analysis (IIASA Working Paper*, 94 (19).
- Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem numa amostra de estudantes do ensino superior. In Noronha, A., Machado, C., Almeida, L., Gonçalves, M., Martins, S., & Ramalho, V. (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos (vol. XIII)*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Saraceno, C. (2008). *Families, Ageing and Social Policy: Intergenerational Solidarity in European Welfare States*. Massachusetts: Edward Elgar Publishing.
- Sbicigo, J., Bandeira, D., Dell’Aglío, D. (2010). Escala de Auto-estima de Rosenberg (EAR): validade factorial e consistência interna. *Psico-USF*, 15 (3), 395-403.
- Scott, A. (2008). Família e Relações intergeracionais: Limites e possibilidades de abordagem a partir do estudo de Porto Alegre no final dos anos setecentos. (Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Córdoba - Argentina). Página Web acedida a 28 de Junho de 2010, em: http://www.alapop.org/2009/images/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2008_FINAL_298.pdf

- Seefeldt, D. (2008). Gender Stereotypes Associated with Altruistic Acts. *Journal of Student Research*, 7. Página Web, acedida a 18 de Dezembro de 2009, em: <http://www.uwstout.edu/static/rs/2008/2008contents.shtml>
- Silverstein, M., Chen, X., & Heller, K. (1996). Too much of a good thing? Intergenerational social support and the psychological well-being of older parents. *Journal of Marriage and the family*, 58 (4), 970-982.
- Swartz, T. T. (2009). Intergenerational Family Relations in Adulthood: Patterns, Variations, and Implications in the Contemporary United States. *Annual Review of Sociology*, 35 (1), 191-212.
- Teixeira, A. (2008). *O estilo de vida de estudantes do ensino superior: Contributos do auto-conceito e da satisfação com a vida*. (Dissertação de Mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Twenge, J. M. (2006). *Generation Me: Why today's young Americans are more confident, assertive, entitled - and more miserable than ever before*. New York: Free Press.
- Twenge, J., & Campbell, W. (2009). *The narcissism epidemic: Living in the age of entitlement*. New York: Free Press.
- Twenge, J. M., & Campbell, S. M. (2008). Generational differences in psychological traits and their impact on the workplace. *Journal of Managerial Psychology*, 23 (8), 862-877.
- Vásquez, C., & Páez, D. (2010). Posttraumatic growth in Spain. In Weiss, T., & Berger, R. (Eds.), *Posttraumatic growth and culturally component practice: lessons learned from around the globe* (pp. 97-112). New Jersey: John & Sons.
- Volpi, J. H. (2003). *Poder, fama e ferida narcísica: uma compreensão característico-energético do narcisista*. Curitiba: Centro Reichiano. Página Web acedida a 30 de Janeiro de 2009, em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Artigos/VOLPI,%20Jos%C3%A9%20Henrique%20-%20Poder,%20fama%20e%20ferida%20narcisica.pdf>
- Wang, Q. (2011). *Intergenerational Solidarity and Its Effects on Life Satisfaction Among Chinese Elders*. *Gerontology Theses*, 23. Página Web acedida em 22 de Junho de 2011, em: http://digitalarchive.gsu.edu/gerontology_theses/23
- Zee, K., & Perugini, M. (2006). Personality and Solidary behavior. In Fetchenhauer, D., Flache, A., Buunk, A., & Lindenberg, S. (Eds.), *Solidarity and prosocial behavior: An Integration of Sociological and Psychological Perspectives* (pp. 3-19). New York: Springer.



SEXO: FEMININO ☐

MASCULINO ☐

IDADE: ____ ANOS

ESTADO CIVIL: _____

Este questionário tem por objectivo estudar as relações entre pais e filhos e entre avós e netos. Não se trata de um teste de avaliação, pelo que não existem respostas certas ou erradas. O que de facto importa é que responda com sinceridade a todas as questões.

As suas respostas serão unicamente utilizadas para fins de investigação psicológica, sendo absolutamente garantidos o seu anonimato e confidencialidade.

Leia com atenção cada uma das afirmações e as opções de resposta disponíveis. Depois, basta assinalar com um X a alternativa que melhor se adequa ao seu caso pessoal.

Em caso de engano na resposta a uma questão, pode riscar e assinalar a sua opção definitiva. Se surgirem dúvidas, não hesite em pedir ajuda a quem se encontra a administrar o questionário.

No final, verifique, por favor, se respondeu a todas as perguntas.

A sua colaboração é da máxima importância para o prosseguimento do estudo, pelo que desde já lhe agradeço a sua disponibilidade!

A responsável pelo estudo,

Diana S. Pereira

(lpsi05060@fpce.up.pt)

Parte I

As afirmações que irá encontrar de seguida pedem-lhe que se posicione face à fase da vida pela qual está a passar, entendendo-se enquanto tal não só o momento presente, mas também os últimos e os próximos anos (no global, corresponde a um período de 5 anos, em que o presente estaria no meio).

Para cada afirmação, por favor, assinale a opção que indica o seu grau de concordância ou discordância de acordo com a legenda.

1 = Discordo Totalmente	2 = Discordo em Parte	3 = Não Concordo, Nem Discordo	4 = Concordo emParte	5 = Concordo Totalmente
----------------------------	--------------------------	-----------------------------------	-------------------------	----------------------------

Esta fase da minha vida é uma altura...

1. De muitas possibilidades.
2. De exploração.
3. De confusão.
4. De experimentação.
5. De liberdade pessoal.
6. De muitas restrições.
7. Para assumir a responsabilidade por mim próprio(a).
8. De stresse.
9. De instabilidade.
10. De optimismo.
11. De muita pressão.
12. Para descobrir quem eu sou.
13. Para assentar.
14. Para assumir a responsabilidade por outros.
15. De independência.
16. De escolhas em aberto.
17. De imprevisibilidade.
18. Para assumir compromissos com outros.
19. Para me tornar auto-suficiente.

[illegible]

10. Tento ter estima e consideração pelos outros.
11. Estou satisfeito(a) com a minha vida.
12. Não sou conhecido(a) por ser generoso(a).
13. Creio que não tenho grande coisa de que me possa orgulhar.
14. A maioria das pessoas que conheço gosta de mim.
15. Sinto-me, por vezes, verdadeiramente inútil.
16. Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.
17. Julgo que tenho, pelo menos, tanto valor como os outros.
18. Acho que sou uma pessoa caridosa.
19. Gostaria de ter mais consideração por mim próprio(a).
20. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.
21. Bem vistas as coisas, sou levado a pensar que sou um(a) falhado(a).
22. Se puder ajudar quem precisa, ajudo sempre.
23. Tenho uma atitude positiva para com a minha pessoa.

1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5

Em relação a cada um dos 16 pares de afirmações que se seguem, solicitamos que escolha a opção que reflecte melhor a sua forma de ser, pensar ou agir.

- 1
 - a Sei que sou bom/boa porque toda a gente me diz constantemente isso. ☐
 - b Quando as pessoas me elogiam, por vezes fico envergonhado(a). ☐
- 2
 - a Gosto de ser o centro das atenções. ☐
 - b Prefiro misturar-me com os outros. ☐
- 3
 - a Penso que sou uma pessoa especial. ☐
 - b Não sou nem melhor nem pior que a maioria das pessoas. ☐

- 4 a Gosto de ter autoridade sobre as outras pessoas. ☐
b Não me importo de seguir ordens. ☐
- 5 a Consigo manipular facilmente as pessoas. ☐
b Não gosto de sentir que estou a manipular outras pessoas. ☐
- 6 a Faço questão de exigir o respeito que me é devido. ☐
b Normalmente obtenho o respeito que mereço. ☐
- 7 a Estou sempre pronto a exhibir-me, desde que tenha uma oportunidade. ☐
b Procuro não me exhibir. ☐
- 8 a Sei sempre o que estou a fazer. ☐
b Às vezes não tenho bem a certeza do que estou a fazer. ☐
- 9 a Toda a gente gosta de ouvir as minhas histórias. ☐
b Às vezes conto boas histórias. ☐
- 10 a Espero muito das outras pessoas. ☐
b Gosto de fazer coisas para outras pessoas. ☐
- 11 a Gosto de ser o centro das atenções. ☐
b Sinto-me desconfortável quando sou o centro das atenções. ☐
- 12 a As pessoas reconhecem sempre a minha autoridade. ☐
b Ter autoridade não é importante para mim. ☐
- 13 a Eu vou ser um/a grande homem/mulher. ☐

- b Espero vir a ser bem sucedido(a). ☐
- 14 a Posso fazer com que as pessoas acreditem naquilo que eu quiser. ☐
- b As pessoas, às vezes, acreditam naquilo que eu lhes digo. ☐
- 15 a Tenho mais capacidades que as outras pessoas. ☐
- b Posso aprender muitas coisas com as outras pessoas. ☐
- 16 a Sou uma pessoa extraordinária. ☐
- b Sou parecido(a) com qualquer outra pessoa. ☐

Parte II

Seguem-se algumas questões sobre o tipo e frequência de ajuda que podemos prestar aos nossos pais e avós. Por favor, assinale a resposta que considera reflectir melhor o que acontece no seu caso pessoal.

De uma forma geral, com que frequência **costuma ajudar os seus pais** nos seguintes aspectos?

	Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

De uma forma geral, com que frequência imagina que, no futuro, **quando os seus pais forem (mais) idosos, irá ajudá-los nos seguintes aspectos?**

	Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

NOTE: Relativamente às questões que se seguem, que estão relacionadas com os avós, responda de uma forma geral para todos. Caso as respostas sejam muito diferenciadas para os diferentes avós, escolha o(s) avô/avó/avós que considere mais relevante(s). Escolha apenas uma única opção. Nas respostas que se sucederem tenha SEMPRE EM CONTA AQUELE(S) QUE ESCOLHEU.

Caso responda para os avós em geral, assinale uma cruz, ☐ , caso contrário, assinale o(s) avô/avó/avós que terá em consideração nas questões se seguem.

Avô paterno <input type="checkbox"/>	Avô materno <input type="checkbox"/>	Avós maternos <input type="checkbox"/>
Avó paterna <input type="checkbox"/>	Avó materna <input type="checkbox"/>	Avós paternos <input type="checkbox"/>

De uma forma geral, com que frequência **os seus pais costumam ajudar o(s) seu(s) avô/avó/avós** nos seguintes aspectos?

	Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

De uma forma geral, com que frequência **costuma ajudar o(s) seu(s) avô/avó/avós** nos seguintes aspectos?

	Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

De uma forma geral, com que frequência imagina que, no futuro, **irá ajudar o(s) seu(s) avô/avó/avós nos seguintes aspectos?**

	Nunca	Poucas vezes	Frequentemente	Sempre
Tarefas domésticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Transportes e compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informação e conselhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio emocional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio em situação de doença	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Por favor seleccione o motivo da escolha do(s) avô/avó/avós.

- ☐ 1. Proximidade em termos de residência
- ☐ 2. Proximidade em termos afectivos
- ☐ 3. Ambas as situações
- ☐ 4. Outro _____

Parte III

As afirmações que se seguem reflectem o modo como algumas pessoas pensam em relação à sua família e aos outros. Para cada uma delas, por favor, assinale o seu grau de concordância.

1 = Discordo Totalmente	2 = Discordo em Parte	3 = Não Concordo, Nem Discordo	4 = Concordo em Parte	5 = Concordo Totalmente
-------------------------	-----------------------	--------------------------------	-----------------------	-------------------------

1. Ajo da mesma forma, apesar das opiniões da minha família.
2. Deve ser-se completamente leal com a nossa família.
3. Apesar do que os outros elementos da família possam dizer, geralmente faço o que eu acho que é melhor para mim.
4. Habitualmente faço as “minhas coisas como me apetece”.

1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5

5. Deve-se honrar e proteger a reputação da nossa família.
6. Deve-se estar disposto a fazer sacrifícios pela nossa família.
7. Fico muito ofendido(a) com qualquer invasão da minha privacidade pessoal.
8. Prefiro depender de mim, do que dos outros.
9. Os problemas da família devem ser resolvidos em família.
10. Deve partilhar-se a casa com pais e irmãos sempre que estes necessitarem.
11. Na maioria das vezes, confio em mim. Raramente confio nos outros.
12. Deve-se consultar os membros da família no que respeita a decisões importantes.
13. Face a um problema pessoal é melhor decidir sozinho do que seguir o conselho de algum familiar.
14. Deve apoiar-se financeiramente os pais e sogros, sempre que estes necessitarem.
15. Gosto de ser único e diferente dos outros.
16. Pais e filhos devem ficar juntos, o mais possível.
17. Não se deve sacrificar os próprios interesses em benefício da família.

1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5
1	2	3	4	5

Seguem-se algumas afirmações que dizem respeito à forma como os membros de uma família se relacionam entre si. Assinale, por favor, o seu grau de concordância com o modo como cada uma das seguintes afirmações descreve bem a sua relação com cada um dos elementos. Note, em relação aos avós responda, apenas, em relação àquele(s) que considerou nas questões anteriores.

1 = Discordo Totalmente	2 = Discordo em Parte	3 = Não Concordo, Nem Discordo	4 = Concordo em Parte	5 = Concordo Totalmente
-------------------------	-----------------------	--------------------------------	-----------------------	-------------------------

1. Estou satisfeito(a) com a relação que tenho com esta pessoa.

Mãe	1	2	3	4	5
Pai	1	2	3	4	5
Avô/ Avó/ Avós	1	2	3	4	5

2. Eu e esta pessoa chateamo-nos e ficamos com raiva, um do outro frequentemente.
- | | | | | | |
|--------------|---|---|---|---|---|
| Mãe | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Pai | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Avô/Avó/Avós | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
3. O meu relacionamento com esta pessoa é bom.
- | | | | | | |
|--------------|---|---|---|---|---|
| Mãe | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Pai | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Avô/Avó/Avós | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
4. Eu e esta pessoa discordamos e chateamo-nos frequentemente.
- | | | | | | |
|--------------|---|---|---|---|---|
| Mãe | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Pai | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Avô/Avó/Avós | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
5. Estou feliz com a maneira como as coisas estão entre mim e esta pessoa.
- | | | | | | |
|--------------|---|---|---|---|---|
| Mãe | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Pai | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Avô/Avó/Avós | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
6. Eu e esta pessoa discutimos frequentemente.
- | | | | | | |
|--------------|---|---|---|---|---|
| Mãe | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Pai | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Avô/Avó/Avós | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Questionário complementar

1. Indique, por favor, as suas habilitações literárias.

- 1.2. Indique, por favor, a sua profissão.

2. Por favor seleccione o estado civil dos seus pais.

☐ 1. Casados

☐ 2. Divorciados

☐ 3. Viúvo(a)

☐ 4. Separados

☐ 5. Outra _____

2.1. Indique, por favor, a profissão dos seus pais.

Pai _____

Mãe _____

3. Com quem mora (a maior parte da semana/do tempo)?

☐ 1. Pai

☐ 2. Mãe

☐ 3. Irmãos

☐ 4. Cônjuge

☐ 5. Namorado(a)

☐ 6. Filhos

☐ 7. Avós

☐ 8. Amigos/colegas

☐ 9. Sozinho(a)

☐ 10. Outro(s)

Quem? _____

4. Se não reside com os seus pais, por favor, indique em média a distância geográfica.

5. Em média qual a distância a que vive dos seus avós? (responda, apenas, para aquele (s) que teve em consideração nas respostas anteriores).

Verifique, por favor, se respondeu a todas as questões. Muito obrigada pela sua importante colaboração!

ANEXO B – Tabelas

Tabela 1. Variáveis do estudo

Variáveis independentes		
Variáveis associadas à geração/período etário	Auto-estima	
	Narcisismo	
	Dimensões da adultez emergente	Experimentação
		Exploração de identidade
		Instabilidade/Negatividade
		Focagem nos outros
		Auto-focagem
		Sentir-se no meio
Variáveis psicológicas individuais	Satisfação com a vida	
	Altruísmo	
Valores Familiares	Familismo (Solidariedade Familiar)	
	Individualismo	
Qualidade da relação entre os AE e os pais e entre os AE e os avós	Qualidade da relação (conflito + satisfação) com o pai, a mãe e avós	Conflito com a mãe
		Conflito com o pai
		Conflito com os avós
		Satisfação com a mãe
		Satisfação com o pai
		Satisfação com os avós
Variáveis sócio-demográficas	Situação residencial do AE	
	Estado civil dos pais	
	Profissão dos pais (NSE)	
	Motivo de selecção do(s) avô(ós)	
Modelo de Transmissão intergeracional da solidariedade	Solidariedade que os pais prestam aos avós (na perspectiva dos AE)	

Tabela 2. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala de Satisfação com a vida

Itens	Sat.	Com.
Estou satisfeito(a) com a minha vida	.807	.652
Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais	.782	.612
Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada	.722	.522
As minhas condições de vida são excelentes	.603	.364
Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida	.602	.363

Tabela 3. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala de Auto-estima

Itens	Sat.	Com.
Tenho uma atitude positiva para com a minha pessoa	-.793	.629
Bem vistas as coisas, sou levado a pensar que sou um(a) falhado(a).	.762	.581
Sinto-me, por vezes, verdadeiramente inútil.	.741	.550
De forma geral, estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)	-.679	.461
Às vezes, penso que não presto para nada	.673	.453
Gostaria de ter mais consideração por mim próprio(a)	.661	.437
Creio que não tenho grande coisa de que me possa orgulhar	.659	.435
Julgo que tenho, pelo menos, tanto valor como os outros	-.595	.354
Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas	-.576	.332
Penso que tenho algumas boas qualidades	-.384	.147

Tabela 4. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da subescala de simpatia e amabilidade da NEO PI-R

Itens	Sat.	Com.
Acho que sou uma pessoa caridosa	.679	.461
Tento ter estima e consideração com os outros	.664	.441
Algumas pessoas pensam que sou egoísta	-.644	.415
Algumas pessoas consideram-me frio(a) e calculista	-.639	.408
A maioria das pessoas que conheço gosta de mim	.625	.390
Tento ser cortês com toda a gente que conheço	.602	.362
Não sou conhecido(a) por ser generoso(a)	-.502	.252
Se puder ajudar quem precisa, ajudo sempre	.465	.216

Tabela 5. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala da Qualidade da relação com a mãe (satisfação e conflito)

Itens	Sat.F1	Sat.F2	Com.
Estou satisfeito(a) com a relação que tenho com esta pessoa	.947	-.173	.927
O meu relacionamento com esta pessoa é bom	.919	-.204	.886
Estou feliz com a maneira como as coisas estão entre mim e esta pessoa	.880	-.261	.842
Eu e esta pessoa discordamos e chateamo-nos frequentemente	-.153	.924	.876
Eu e esta pessoa discutimos frequentemente	-.150	.922	.872
Eu e esta pessoa chateamo-nos e ficamos com raiva, um do outro frequentemente	-.414	.732	.706

Tabela 6. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala da Qualidade da relação com o pai (satisfação e conflito)

Itens	Sat.F1	Sat.F2	Com.
Estou satisfeito(a) com a relação que tenho com esta pessoa	.911	-.304	.922
O meu relacionamento com esta pessoa é bom	.904	-.335	.929
Estou feliz com a maneira como as coisas estão entre mim e esta pessoa	.881	-.363	.908
Eu e esta pessoa discordamos e chateamo-nos frequentemente	-.276	.917	.918
Eu e esta pessoa discutimos frequentemente	-.306	.895	.895
Eu e esta pessoa chateamo-nos e ficamos com raiva, um do outro frequentemente	-.462	.770	.806

Tabela 7. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala da Qualidade da relação com os avós (satisfação e conflito)

Itens	Sat.F1	Sat.F2	Com.
O meu relacionamento com esta pessoa é bom	.904	-.249	.879
Estou feliz com a maneira como as coisas estão entre mim e esta pessoa	.897	-.220	.853
Estou satisfeito(a) com a relação que tenho com esta pessoa	.881	-.235	.832
Eu e esta pessoa discordamos e chateamo-nos frequentemente	-.237	.888	.845

Eu e esta pessoa discutimos frequentemente	-.143	.880	.794
Eu e esta pessoa chateamo-nos e ficamos com raiva, um do outro frequentemente	-.356	.841	.833

Tabela 8. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens do Inventário das dimensões da adultez emergente

Itens	Sat.F1	Sat.F2	Sat.F3	Sat.F4	Sat.F5	Com.
De experimentação	.634	.229	.272	-.076	.071	.539
De muitas possibilidades	.600	-.063	-.166	.166	.056	.422
Para experimentar coisas novas	.594	.293	.144	.039	-.054	.464
De exploração	.586	.069	.184	.133	.028	.401
De escolhas em aberto	.565	.107	-.008	.144	.059	.355
De liberdade pessoal	.489	.127	-.241	.171	.183	.376
De independência	.478	.076	-.215	.401	-.010	.441
De muitas restrições	-.409	.013	.300	-.142	.198	.317
De imprevisibilidade	.400	.134	.257	.228	.139	.315
Para aprender a pensar por mim próprio(a)	.007	.842	-.045	.025	.013	.712
Para decidir os meus próprios valores e crenças	.114	.810	.026	-.022	.087	.768
Para encontrar um significado ou sentido para a minha vida	.080	.672	.176	.154	.228	.565
Para descobrir quem eu sou	.164	.610	.176	.076	.218	.484
Para me definir a mim mesmo(a)	.266	.544	.049	.322	.121	.487
Para me focar em mim próprio(a)	.287	.393	-.079	.026	.102	.254
De muita pressão	.144	-.001	.732	-.053	-.146	.581
De muitas preocupações	.052	.053	.726	.165	.005	.560
De stresse	.005	-.004	.694	.048	.097	.493
De instabilidade	-.083	.150	.646	.178	.177	.510
De confusão	.128	.154	.615	-.147	.363	.572
De optimismo	.304	.022	-.414	-.001	.014	.265

Para me tornar auto-suficiente	,250	-,116	,030	,691	,194	,591
Para assentar	-,172	,290	,013	,657	,043	,548
Para me tornar autónomo(a) dos meus pais	,202	-,015	-,034	,595	,202	,437
Para assumir compromissos com outros	,275	-,017	,113	,555	-,055	,399
Para assumir a responsabilidade por mim próprio(a)	,190	,157	,121	,492	-,204	,360
Para assumir a responsabilidade por outros	-,183	,284	,114	,392	-,367	,415
Para planear o futuro	,206	,163	,021	,367	,226	,255
Em que me sinto adulto(a) numas coisas mas não noutras	-,026	,199	,101	,037	,798	,688
Em que ainda não tenho a certeza se já atingi a idade adulta	,038	,138	,088	,073	,709	,536
Em que me estou a tornar gradualmente um(a) adulto(a)	,106	,250	,087	,158	,547	,406

Tabela 9. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala dos valores (familistas e individualistas) de jovens adultos

Itens	Sat. F1	Sat.F2	Com.
Deve-se estar disposto a fazer sacrifícios pela nossa família	,728	-,152	,553
Deve partilhar-se a casa com pais e irmãos sempre que estes necessitarem	,697	,052	,489
Deve apoiar-se financeiramente os pais e sogros, sempre que estes necessitarem	,632	-,016	,399
Os problemas da família devem ser resolvidos em família	,630	,194	,434
Deve ser-se completamente leal com a nossa família	,626	-,118	,406
Deve-se honrar e proteger a reputação da nossa família	,573	-,189	,364
Pais e filhos devem ficar juntos, o mais possível	,561	-,222	,364
Deve-se consultar os membros da família no que respeita a decisões importantes	,529	-,335	,392
Habitualmente faço as “minhas coisas como me apetece”	-,001	,741	,548
Apesar do que os outros elementos da família possam dizer, geralmente faço o que eu acho que é melhor para mim	-,024	,646	,418
Prefiro depender de mim, do que dos outros	-,054	,588	,348
Fico muito ofendido(a) com qualquer invasão da minha privacidade pessoal	-,137	,554	,326
Na maioria das vezes, confio em mim. Raramente confio nos outros	-,147	,517	,289
Ajo da mesma forma, apesar das opiniões da minha família	,058	,512	,266
Não se deve sacrificar os próprios interesses em benefício da família	-,244	,480	,290
Face a um problema pessoal é melhor decidir sozinho do que seguir o conselho de algum familiar	-,316	,463	,314
Gosto de ser único e diferente dos outros	-,023	,449	,202

Tabela 10. Saturações (Sat) e comunalidades (Com) dos itens da escala de Narcisismo

Itens	Sat.	Com.
a) Gosto de ser o centro das atenções.		
b) Prefiro misturar-me com os outros.	,739	,546
a) Gosto de ser o centro das atenções.		
b) Sinto-me desconfortável quando sou o centro das atenções.	,687	,472
a) Estou sempre pronto a exhibir-me, desde que tenha uma oportunidade.		
b) Procuro não me exhibir.	,682	,465
a) Sei que sou bom/boa porque toda a gente me diz constantemente isso		
b) Quando as pessoas me elogiam, por vezes fico envergonhado(a)	,550	,302
a) Penso que sou uma pessoa especial.		
b) Não sou nem melhor nem pior que a maioria das pessoas.	,544	,296
a) Consigo manipular facilmente as pessoas.		
b) Não gosto de sentir que estou a manipular outras pessoas.	,517	,268
a) Posso fazer com que as pessoas acreditem naquilo que eu quiser.		
b) As pessoas, às vezes, acreditam naquilo que eu lhes digo.	,498	,248
a) Tenho mais capacidades que as outras pessoas.		
b) Posso aprender muitas coisas com as outras pessoas.	,496	,246
a) Eu vou ser um/a grande homem/mulher.		
b) Espero vir a ser bem sucedido(a).	,477	,228
a) Sou uma pessoa extraordinária.		
b) Sou parecido(a) com qualquer outra pessoa.	,444	,197
a) As pessoas reconhecem sempre a minha autoridade.		
b) Ter autoridade não é importante para mim.	,421	,177
a) Gosto de ter autoridade sobre as outras pessoas.		
b) Não me importo de seguir ordens.	,405	,164
a) Toda a gente gosta de ouvir as minhas histórias.		
b) Às vezes conto boas histórias.	,353	,125
a) Espero muito das outras pessoas.		
b) Gosto de fazer coisas para outras pessoas.	,307	,094
a) Sei sempre o que estou a fazer.		
b) Às vezes não tenho bem a certeza do que estou a fazer.	-,088	,008
a) Faço questão de exigir o respeito que me é devido.		
b) Normalmente obtenho o respeito que mereço.	,078	,006

Tabela 11. Média (e desvio padrão) da solidariedade intergeracional dos AE em função fase da vida/projecção para o futuro

	Solidariedade prestada pelos AE actualmente	Solidariedade que os AE antecipam prestar no futuro	T	Sig
Pais	2,9018 (,48)	3,4590 (,43)	16,590	,000
Avós	2,3908 (,63)	2,8546 (,66)	14,858	,000

Tabela 12. Média (e desvio padrão) da solidariedade intergeracional dos AE em função do familiar

	Pais	Avós	T	Sig
Solidariedade prestada pelos AE actualmente	2,9018 (,48)	2,3908 (,63)	11,453	,000
Solidariedade que os AE antecipam prestar no futuro	3,4590 (,43)	2,8546 (,66)	12,789	,000

Tabela 13. Correlações (R de Pearson) entre as variáveis utilizadas no estudo

	Alt	Svida	Ind	Fam	Aest	Nar	EI	Exper	Inst	Smeio	Smãe	Spai	Savós	Cmãe	Cpai	Cavós	ECpai s	NSE	Mcpai s	Mcavó s	MEav ós	AE pais	AE pais F	Pais avós	AE avós	AE avós F
Alt	1	,304**	-,325**	,307**	,283**	-,194*	,234**	,151	-,075	-,075	,109	,165*	,181*	,166*	,239**	,175*	,073	-,034	,040	,052	-,120	,238**	,208*	,221**	,268**	,257**
Svida	,304**	1	-,103	,256**	,516**	,039	-,027	,129	-,247**	-,079	,254**	,376**	,255**	,249**	,325**	,174*	-,245**	,135	-,157	-,017	-,173	,218**	,153	,152	,117	,101
Ind	-,325**	-,103	1	-,321**	,036	,254**	-,022	-,089	,110	,008	-,143	-,180*	-,227**	-,166*	-,238**	-,194*	,012	-,015	-,036	-,046	,098	-,150	-,215**	-,160*	-,158	-,160
Fam	,307**	,256**	-,321**	1	,098	-,048	,164*	,270**	-,112	,132	,291**	,290**	,274**	,234**	,181*	,151	-,071	,118	-,018	,071	,094	,258**	,388**	,242**	,255**	,325**
Aest	,283**	,516**	,036	,098	1	,214**	-,155	,033	-,305**	-,132	,133	,267**	,181*	,145	,304**	,191*	-,089	-,146	-,218**	-,066	-,114	,126	-,005	-,038	,090	-,005
Nar	-,194*	,039	,254**	-,048	,214**	1	-,261**	,011	-,059	-,034	-,075	-,094	-,054	-,086	-,068	-,083	,057	,151	-,171*	,018	,019	-,009	-,015	-,049	,063	-,003
EI	,234**	-,027	-,022	,164*	-,155	-,261**	1	,336**	,229**	,384**	-,063	-,014	-,120	-,111	-,089	-,054	-,048	-,047	,088	,067	,109	,019	-,009	-,074	-,046	-,085
Exper	,151	,129	-,089	,270**	,033	,011	,336**	1	,158	,177*	-,113	,097	,123	-,090	,071	,089	,077	,088	,036	,094	,041	,051	,122	,119	,078	,046
Inst	-,075	-,247**	,110	-,112	-,305**	-,059	,229**	,158	1	,270**	-,193*	-,165*	-,055	-,175*	-,261**	-,024	-,013	-,050	,091	-,034	,032	,089	-,027	,022	,026	,008
Smeio	-,075	-,079	,008	,132	-,132	-,034	,384**	,177*	,270**	1	-,015	,035	-,016	-,122	-,015	-,050	-,153	-,058	,053	-,116	,008	-,020	-,053	-,012	-,035	-,035
Smãe	,109	,254**	-,143	,291**	,133	-,075	-,063	-,113	-,193*	-,015	1	,354**	,214**	,467**	,228**	,084	-,231**	-,026	-,144	-,034	-,123	,398**	,351**	,268**	,195*	,165*
Spai	,165*	,376**	-,180*	,290**	,267**	-,094	-,014	,097	-,165*	,035	,354**	1	,257**	,181*	,673**	,175*	-,353**	-,138	-,132	-,039	-,054	,222**	,238**	,109	,153	,124
Savós	,181*	,255**	-,227**	,274**	,181*	-,054	-,120	,123	-,055	-,016	,214**	,257**	1	,120	,199*	,481**	-,076	,039	-,180*	,031	-,180	,194*	,234**	,455**	,557**	,623**

	Alt	Svida	Ind.	Fam	Aest	Nar	EI	Exper	Inst	Smeio	Smãe	Spai	Savós	Cmãe	Cpai	Cavós	ECpais	NSE	Mcpais	Mcavós	MEavós	AE pais	AE pais futuro	Pais avós	AE avós	AE avós futuro
Cmãe	,166 [*]	,249 ^{**}	-,166 [*]	,234 ^{**}	,145	-,086	-,111	-,090	-,175 [*]	-,122	,467 ^{**}	,181 [*]	,120	1	,419 ^{**}	,250 ^{**}	-,221 ^{**}	-,087	,112	,065	-,071	,116	,120	,236 ^{**}	,165 [*]	,124
Cpai	,239 ^{**}	,325 ^{**}	-,238 ^{**}	,181 [*]	,304 ^{**}	-,068	-,089	,071	-,261 ^{**}	-,015	,228 ^{**}	,673 ^{**}	,199 [*]	,419 ^{**}	1	,250 ^{**}	-,226 ^{**}	-,168 [*]	,037	,006	-,011	,107	,124	,120	,149	,143
Cavós	,175 [*]	,174 [*]	-,194 [*]	,151	,191 [*]	-,083	-,054	,089	-,024	-,050	,084	,175 [*]	,481 ^{**}	,250 ^{**}	,250 ^{**}	1	-,108	-,116	-,055	,227 ^{**}	-,059	,132	,148	,119	,236 ^{**}	,279 ^{**}
ECpais	,073	-,245 ^{**}	,012	-,071	-,089	,057	-,048	,077	-,013	-,153	-,231 ^{**}	-,353 ^{**}	-,076	-,221 ^{**}	-,226 ^{**}	-,108	1	,199 [*]	,183 [*]	-,188 [*]	-,168	,005	,010	,057	,151	,139
NSE	-,034	,135	-,015	,118	-,146	,151	-,047	,088	-,050	-,058	-,026	-,138	,039	-,087	-,168 [*]	-,116	,199 [*]	1	-,009	,027	-,028	-,056	,063	,192 [*]	,034	,126
Mcpais	,040	-,157	-,036	-,018	-,218 ^{**}	-,171 [*]	,088	,036	,091	,053	-,144	-,132	-,180 [*]	,112	,037	-,055	,183 [*]	-,009	1	,042	,020	,013	-,079	,031	-,032	-,056
Mcavós	,052	-,017	-,046	,071	-,066	,018	,067	,094	-,034	-,116	-,034	-,039	,031	,065	,006	,227 ^{**}	-,188 [*]	,027	,042	1	,123	,051	,018	-,231 ^{**}	-,169 [*]	-,118
Mesc.avós	-,120	-,173	,098	,094	-,114	,019	,109	,041	,032	,008	-,123	-,054	-,180	-,071	-,011	-,059	-,168	-,028	,020	,123	1	-,076	-,017	-,155	-,215 [*]	-,160
AE pais	,238 ^{**}	,218 ^{**}	-,150	,258 ^{**}	,126	-,009	,019	,051	,089	-,020	,398 ^{**}	,222 ^{**}	,194 [*]	,116	,107	,132	,005	-,056	,013	,051	-,076	1	,595 ^{**}	,363 ^{**}	,544 ^{**}	,331 ^{**}
AE pais F	,208 [*]	,153	-,215 ^{**}	,388 ^{**}	-,005	-,015	-,009	,122	-,027	-,053	,351 ^{**}	,238 ^{**}	,234 ^{**}	,120	,124	,148	,010	,063	-,079	,018	-,017	,595 ^{**}	1	,494 ^{**}	,485 ^{**}	,500 ^{**}
Pais avós	,221 ^{**}	,152	-,160 [*]	,242 ^{**}	-,038	-,049	-,074	,119	,022	-,012	,268 ^{**}	,109	,455 ^{**}	,236 ^{**}	,120	,119	,057	,192 [*]	,031	-,231 ^{**}	-,155	,363 ^{**}	,494 ^{**}	1	,729 ^{**}	,715 ^{**}
AE avós	,268 ^{**}	,117	-,158	,255 ^{**}	,090	,063	-,046	,078	,026	-,035	,195 [*]	,153	,557 ^{**}	,165 [*]	,149	,236 ^{**}	,151	,034	-,032	-,169 [*]	-,215 [*]	,544 ^{**}	,485 ^{**}	,729 ^{**}	1	,825 ^{**}
AE avós F	,257 ^{**}	,101	-,160	,325 ^{**}	-,005	-,003	-,085	,046	,008	-,035	,165 [*]	,124	,623 ^{**}	,124	,143	,279 ^{**}	,139	,126	-,056	-,118	-,160	,331 ^{**}	,500 ^{**}	,715 ^{**}	,825 ^{**}	1

**p<.001; *p<.005

Alt- Altruísmo; **Svida-** Satisfação com a vida; **Ind-** Individualismo; **Fam-** Familismo; **Aest-** Auto-estima; **Nar-** Narcisismo; **EI-** Exploração de identidade; **Exper-** Experimentação; **Inst-** Instabilidade; **Smeio-** Sentir-se no meio; **Spai-** Satisfação com o pai; **Smãe-** Satisfação com a mãe; **Savós** – Satisfação com os avós; **Cmãe-** Conflito com a mãe; **Cpai-** Conflito com o pai; **Cavós-** Conflito com os avós; **ECpais-** Estado civil dos pais; **NSE-** Nível sócio-económico; **Mcpais-** Mora com os pais; **Mcavós-** Mora com os avós e os pais; **Mescavós-** Motivo da escolha dos avós; **AE pais-** Solidariedade que os adultos emergentes prestam aos pais actualmente; **AE pais F-** solidariedade que os adultos emergentes antecipam prestar aos pais no futuro; **Pais avós-** Solidariedade que os pais dos adultos emergentes prestam aos avós; **AE avós** - Solidariedade que os adultos emergentes prestam aos avós actualmente; **AE avós F-** solidariedade que os adultos emergentes antecipam prestar aos avós no futuro.

Tabela 14. Média (e desvio padrão) da satisfação em função do familiar

	Satisfação	T	Sig (2-tailed)
Mãe	4,5689 (.74)	75,070	.000*
Pai	4,1200 (1,09)	46,101	.000*
Avós	4,2044 (.88)	58,711	.000*

*p<0,05

Tabela 15. Média (e desvio padrão) do conflito em função do familiar

	Conflito	T	Sig (2-tailed)
Mãe	3,8444 (1,09)	43,332	.000*
Pai	3,6822 (1,21)	37,258	.000*
Avós	4,4400 (.85)	63,655	.000*

*p<0,05

Tabela 16. Comparação de médias (e desvio padrão) da solidariedade intergeracional dos AE em função do motivo de escolha do(s) avô(s)

	Proximidade de residência (N=10)	Proximidade afectiva (N=27)	Ambas (N=46)	Outro motivo (N=34)	F	Sig.
Solidariedade prestada pelos AE aos avós	2,54 (0,48)	2,44 (0,59)	2,75 (0,64)	2,04 (0,61)	8,960	.000*
Solidariedade que os AE antecipam prestar aos avós	2,81 (0,51)	2,90 (0,50)	3,20 (0,57)	2,51 (0,79)	8,174	.000*

*p<0,05

Tabela 17. Comparação de médias (e desvio padrão) da solidariedade em função do estado civil dos pais

	Estado civil dos Pais	Média	Sig. (2-tailed)	t
Solidariedade prestada pelos AE aos pais	Casados (N=121)	2,90 (0,46)	,954	-,057
	Outro (N=29)	2,91 (0,58)		

Solidariedade prestada pelos AE aos avós	Casados (N=121)	2,34 (0,63)	,065	-1,856
	Outro (N=29)	2,58 (0,59)		
Solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais	Casados (N=121)	3,46 (0,43)	,900	-,127
	Outro (N=29)	3,47 (0,42)		
Solidariedade que os AE antecipam prestar aos avós	Casados (N=121)	2,81 (0,67)	,089	-1,713
	Outro (N=29)	3,04 (0,59)		
Solidariedade que os Pais prestam aos avós	Casados (N=121)	2,91 (0,60)	,487	-,697
	Outro (N=29)	3,00 (0,66)		

Tabela 18. Comparação de médias (e desvio padrão) da qualidade da relação em função do estado civil dos pais

	Estado civil dos Pais	Média	Sig. (2-tailed)	t
Satisfação com a Mãe	Casados (N=121)	4,65 (0,63)	.038	2,156
	Outro (N=29)	4,22 (1,04)		
Satisfação com o Pai	Casados (N=121)	4,31 (0,98)	.000	3,995
	Outro (N=29)	3,33 (1,22)		
Conflito com a Mãe	Casados (N=121)	3,96 (1,06)	.007	2,752
	Outro (N=29)	3,36 (1,10)		
Conflito com o Pai	Casados (N=121)	3,82 (1,19)	.006	2,816
	Outro (N=29)	3,13 (1,17)		
Qualidade da relação com a Mãe	Casados (N=121)	4,31 (0,74)	.005	2,989
	Outro (N=29)	3,79 (0,86)		
Qualidade da relação com o Pai	Casados (N=121)	4,06 (0,48)	.001	3,701
	Outro (N=29)	3,23 (1,11)		
Satisfação com os avós	Casados (N=121)	4,24 (0,88)	.356	,926
	Outro (N=29)	4,07 (0,88)		
Conflito com os avós	Casados (N=121)	4,48 (0,85)	.204	1,289
	Outro (N=29)	4,25 (0,88)		
Qualidade da relação com os avós	Casados (N=121)	4,36 (0,74)	.201	1,298
	Outro (N=29)	4,16 (0,75)		

Tabela 19. Comparação de médias (e desvio padrão) da solidariedade intergeracional dos AE em função da situação de residência do AE

	Situação de residência do AE	Média	Sig. (2-tailed)	t
Solidariedade prestada pelos AE aos pais	Vive com os pais	2,90 (0,47)	,881	-,150
	Não vive com os pais	2,91 (0,50)		
Solidariedade prestada pelos AE aos avós	Vive com os avós	2,61 (0,65)	,039	2,087
	Não vive com os avós	2,34 (0,62)		
Solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais	Vive com os pais	3,48 (0,43)	,334	,969
	Não vive com os pais	3,40 (0,41)		
Solidariedade que os AE antecipam	Vive com os avós	3,01 (0,60)	,151	1,445
	Não vive com os	2,82 (0,67)		

prestar aos avós	avós					
Solidariedade que os pais prestam aos avós	Vive com os avós	3,22 (0,51)				
	Não vive com os avós	2,86 (0,62)	.004		2,885	

Tabela 20. Análise de regressão múltipla para a solidariedade que os AE prestam aos pais

Passo	Preditores	R	R ²	R ² Change	β	t	p
1	Solidariedade que os pais prestam aos avós	.396	.157	.157	.396	5,035	.000
2	Familismo	.432	.187	.030	.178	2,220	.028
3	Satisfação com a mãe	.466	.218	.031	.189	2,296	.023
4	Altruísmo	.491	.241	.023	.163	2,019	.045

Tabela 21. Análise de regressão múltipla para a solidariedade que os AE antecipam prestar aos pais

Passo	Preditores	R	R ²	R ² Change	β	t	p
1	Familismo	.406	.165	.165	.406	5,184	.000
2	Satisfação com a mãe	.488	.238	.073	.282	3,593	.000
3	Solidariedade que os AE prestam aos pais	.700	.490	.252	.540	8,145	.000
4	Solidariedade que os pais prestam aos avós	.732	.536	.046	.240	3,628	.000

Tabela 22. Análise de regressão múltipla para a solidariedade que os AE prestam aos avós

Passo	Preditores	R	R ²	R ² Change	β	t	p
1	Altruísmo	.343	.118	.118	.343	3,818	.000
2	Satisfação com os avós	.649	.421	.303	.558	7,522	.000
3	Solidariedade que os pais prestam aos avós	.796	.634	.213	.528	7,887	.000

Tabela 23. Análise de regressão múltipla para a solidariedade que os AE antecipam prestar aos avós

Passo	Preditores	R	R ²	R ² Change	β	t	p
1	Altruísmo	.312	.097	.097	.312	3,425	.001
2	Satisfação com os avós	.689	.475	.378	.623	8,816	.000
3	Familismo	.714	.510	.035	.205	2,765	.007
5	Solidariedade que os pais prestam aos avós	.833	.693	.183	.495	7,964	.000